



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

Versão para registro histórico

Não passível de alteração

COMISSÃO DO ESPORTE			
EVENTO: Mesa-redonda	REUNIÃO Nº: 0401/18	DATA: 23/05/2018	
LOCAL: Plenário 4 das Comissões	INÍCIO: 15h29min	TÉRMINO: 17h38min	PÁGINAS: 46

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

JAIR ALFREDO PEREIRA - Presidente do Comitê Brasileiro de Clubes — CBC.
EDSON GARGIA - Diretor da Confederação Nacional dos Clubes — FENACLUBES.
SERGIO BRUNO ZECH COELHO - Presidente do Conselho Deliberativo do Minas Tênis Clube.
EDUARDO RIBAS - Comodoro do Veleiros do Sul Associação Náutica Desportiva.
MARCELO VIDO - Diretor de Esportes Olímpicos do Clube de Regatas do Flamengo.
CARLOS HENRIQUE MARTINS TEIXEIRA - Vice-Presidente do Minas Tênis Clube.
MÁRCIO TRINDADE - Vice-Presidente de Esportes Olímpicos do Fluminense Football Club.
ALFREDO RODRIGUES VASCONCELOS FILHO - Presidente do Sindicato dos Clubes Sociais do Estado da Bahia - SINDICLUBE-BA.
PEDRO PESCE - Vice-Comodoro Administrativo do Clube dos Jangadeiros.
RICARDO FERREIRA DE SOUZA LYRA - Presidente do Clube Internacional de Regatas e Diretor Regional do Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo — SINDICLUBE.
CARLOS ROBERTO GONÇALVES DA ROCHA - Presidente do Mackenzie Esporte Clube.
SALATIEL CAMPOS - Presidente do Sindicato dos Clubes Sociais do Pará — SINDICLUBES-PA.
DAVID CALDAS - Representante do Paysandu Sport Club.
PAULO GERMANO MACIEL - Presidente do Tijuca Tênis Clube.
OTTO DUMMER - Presidente do Clube Duque de Caxias.

SUMÁRIO

Debate com os clubes esportivos acerca da forma de financiamento, formação de atletas, preparação para o atual ciclo olímpico e participação no colégio eleitoral das confederações esportivas.

OBSERVAÇÕES

Há orador não identificado em breve intervenção.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Boa tarde. Agradeço a todos a presença.

Esta mesa-redonda está sendo realizada em razão da aprovação do Requerimento nº 231, de 2018, de autoria do Deputado Alexandre Valle. O objetivo deste evento é debater com os clubes esportivos temas como a forma de financiamento, a formação de atletas, a preparação para o atual ciclo olímpico e a participação no colégio eleitoral das confederações esportivas.

Para dar início ao nosso debate, lembro que esta é uma mesa-redonda em que todos terão a oportunidade de falar e de registrar suas opiniões. Tendo em vista a falta de espaço para todos à mesa, os convidados se sentarão nas primeiras fileiras. Vamos compor a Mesa de forma representativa, para que todos se sintam fazendo parte dela.

Já tomaram lugar à mesa o Sr. Jair Alfredo Pereira, Presidente do Comitê Brasileiro de Clubes — CBC; o Sr. Edson Garcia, Diretor da Confederação Nacional dos Clubes — FENACLUBES; e o Sr. Sergio Bruno Zech Coelho, Presidente do Conselho Deliberativo do Minas Tênis Clube.

Deveria estar aqui, para fazer parte da Mesa, o Sr. Marcelo Sacramento de Araújo, Comodoro do Yacht Clube da Bahia. No entanto, ele não conseguiu vir.

Gostaria de anunciar a presença dos nossos convidados: o Sr. Ali Tarbine, representante da Sociedade Morgenau; o Sr. Rodrigo de Castro, representante da Assembleia Paraense; o Sr. Salatiel Campos, representante do Sindicato dos Clubes Sociais do Pará — SINDICLUBES do Pará; o Sr. David Caldas, representante do Paysandu Sport Clube; o Sr. Arnaldo Luiz de Queiroz Pereira, Diretor de Área de Esportes Olímpicos e Formação do Esporte Clube Pinheiros; o Sr. Carlos Roberto Gonçalves Rocha, Presidente do Mackenzie Esporte Clube; o Sr. Carlos Henrique Martins Teixeira, Diretor Vice-Presidente do Minas Tênis Clube; o Sr. Edézio Luiz Carminatti, Presidente da Sociedade Recreativa Mampituba; o Sr. Eduardo de Oliveira Gomes, Diretor de Esportes do Santa Mônica Clube de Campo; o Sr. Eduardo Ribas, Comodoro do Veleiros do Sul Associação Náutica Desportiva; o Sr. Fernando Cruz, representante da Sociedade de Ginástica Porto Alegre — SOGIPA; o Sr. Francisco Julho de Souza, representante do Brasília Country Club; o Sr. Hugo Parisi, representante do Instituto Pro Brasil; o Sr. Luiz Felipe Lombardo, Vice-Presidente



Patrimonial do Clube Esperia; o Sr. Marcelo Vido, Diretor-Executivo de Esportes Olímpicos do Clube de Regatas do Flamengo; o Sr. Márcio Trindade, Vice-Presidente de Esporte Olímpico do Fluminense Football Club; o Sr. Marcos Enéas Silva, representante da Associação dos Servidores do Banco Central do Brasil — ASBAC; o Sr. Nilton Rossi, Diretor de Esportes e Educação e Cultura da Associação Esportiva Siderúrgica de Tubarão — AEST; o Sr. Otto Dummer, Presidente do Clube Duque de Caxias; o Sr. Marcelo Domingues de Oliveira Belleza, Vice-Presidente de Relações Institucionais do Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo — Sindi Clube e Diretor de Marketing e Relações Institucionais do Club Athletico Paulistano; o Sr. Paulo Germano Maciel, Presidente do Tijuca Tênis Clube; o Sr. Paulo Henrique Marchioro, Vice-Presidente de Esportes do Recreio da Juventude; o Sr. Paulo Roberto Prado, Vice-Presidente de Esportes do Grêmio Náutico União; o Sr. Pedro Pesce, Vice-Comodoro Administrativo do Clube dos Jangadeiros; o Sr. Ricardo Ferreira de Souza Lyra, Presidente do Clube Internacional de Regatas e Diretor Regional do Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo — Sindi Clube; o Sr. Valter Francisco da Silva, Vice-Presidente Financeiro do Olympico Club; o Sr. Jorge Brasil, representante do late Clube de Brasília.

Também estão presentes a Sra. Maria Pires, da FEDERACLUBES; o Sr. Alfredo Rodrigues, do Sindicato dos Clubes Sociais do Estado da Bahia — SINDICLUBE-BA; o Sr. Claudinor Santos, do Sindicato de Clubes e Entidades de Classe Promotoras de lazer e Esportes do Distrito Federal — SINLAZER/DF; a Sra. Fátima Mosqueira, da Associação dos Servidores da Câmara dos Deputados — ASCADE; e o Sr. Cláudio Leuzinger, do Brasília Country Club.

Informo que convidamos para participar desta mesa-redonda, mas não puderam comparecer, o Círculo Militar do Paraná, o Clube Bahiano de Tênis, o Clube Jaó e a associação brasileira A Hebraica de São Paulo.

Foram, ainda, convidados o Botafogo de Futebol e Regatas; o BNB Clube, de Fortaleza; o Club de Regatas Vasco da Gama; o Clube Curitibano; o Clube de Campo de Piracicaba; o Clube Paineiras do Morumby; o Instituto Mangueira do Futuro; a Sociedade Thalia; o Sport Club Corinthians Paulista; o Cabanga late Clube de Pernambuco; o Clube dos Funcionários da Companhia Siderúrgica Nacional; a



Sociedade Hípica Paranaense; o Sport Club do Recife; o Yacht Club Santo Amaro. Porém, todos eles não puderam comparecer.

Antes de passar às exposições, desejo informar as regras de condução dos trabalhos desta mesa-redonda. Cada debatedor deverá limitar-se ao tema em debate e disporá de 5 minutos para sua preleção, não podendo ser aparteado. Após as exposições iniciais, serão abertos os debates. Os interessados em fazer uso da palavra deverão inscrever-se previamente e poderão fazê-lo estritamente sobre o assunto da apresentação, pelo prazo de 3 minutos.

Comunico, também, que esta mesa-redonda está sendo transmitida pelo portal e-Democracia, com *link* disponível na página da Comissão do Esporte, no portal da Câmara, possibilitando, assim, a participação popular por meio de perguntas dirigidas a esta Comissão.

Aqueles que estiverem presentes neste plenário também poderão fazer perguntas por meio de formulário disponível com a equipe da Secretaria.

Inicialmente, passo a palavra ao Sr. Jair Alfredo Pereira. S.Sa. dispõe de 5 minutos. *(Pausa.)*

O SR. JAIR ALFREDO PEREIRA - Primeiramente, quero dar o meu boa-tarde aos senhores e às senhoras; ao meu querido Deputado Fábio Mitidieri; ao Edson Garcia, que compõe a Mesa representando a FENACLUBES; e ao Sergio Coelho — que prazer em revê-lo! —, representando o Minas Tênis Clube.

Deputado Alexandre Valle, muito obrigado pela presença.

O CBC, como representante do segmento clubístico do nosso País, tem uma responsabilidade muito grande de repassar recursos públicos aos clubes formadores de atletas olímpicos e paraolímpicos brasileiros. Trata-se de uma entidade que tem procurado fazer com que sua responsabilidade seja exercida de maneira correta. Eu nem vou dizer a vocês que seria da maneira mais correta, porque não existe isso de mais correto: ou é correta ou não é. O CBC age de maneira correta e transparente.

Deputado Fábio, dando continuidade ao encerramento da outra reunião, eu todos acompanhamos a preocupação de V.Exa. com os órgãos que têm a responsabilidade de fazer a fiscalização e o controle destes recursos.

O Comitê Brasileiro de Clubes — CBC é exemplo para o TCU, o Ministério dos Esportes e a Controladoria-Geral da União, em termos de prestação de contas. Nós



prestamos contas trimestralmente e semestralmente. Por coincidência, no dia de hoje, encerrou-se uma auditoria, no CBC, da Controladoria-Geral da União. De maneira alguma, não nos surpreendemos com a observação dos fiscais da CGU, quando disseram: *“Não temos nada a contestar sobre os trabalhos do Comitê Brasileiro de Clubes — CBC”*. É óbvio que agora vão fazer seus relatórios, que chegarão até nós.

Eu só estou citando isso, Deputado, continuando a sua preocupação no fim daquela outra reunião, para mostrar que o CBC é uma entidade que não é melhor que ninguém, em absoluto! Mas os senhores podem crer: trata-se de uma entidade diferente. Hoje, nós temos a responsabilidade de democraticamente repassar os recursos da Lei Pelé, por meio dos prognósticos de loteria que nos chegam pela Caixa Econômica. Nós repassamos os recursos ao nosso País.

Para os senhores terem ideia, até o ano passado, 2017, somente os clubes do Sudeste e do Sul procuraram o CBC em busca de recursos para a formação de atletas olímpicos e paraolímpicos. Cem por cento dos recursos que nós disponibilizamos no ano passado foram para os clubes do Sul e do Sudeste.

Como não tenho problema partidário nenhum, eu gostaria de dar o exemplo do Ministro George Hilton, que há 2 anos solicitou que o CBC procurasse capacitar os clubes do Norte e do Nordeste também — por quê não? — em busca do recurso. O CBC criou uma subsede em Brasília, ficando mais próximo do Norte e do Nordeste, e começamos a trabalhar, a fazer oficinas e seminários diretamente nos clubes do Norte e do Nordeste. Hoje nós temos 13 clubes do Norte e do Nordeste que buscaram e receberam recursos do CBC. É uma maneira democrática de não concentrar os recursos em torno de 6 ou 8 clubes, e democratizar os recursos para todo o nosso País, recursos que se destinam à formação de atletas olímpicos e paraolímpicos.

Hoje, com a diminuição dos prognósticos de loteria, graças à situação econômica do Brasil, é óbvio que a receita do CBC caiu. Assim, uma das preocupações do CBC é solicitar, por meio da Câmara, dos nossos Deputados, do Senado, enfim, do Congresso Nacional, aumento para 1% do recurso de 0,5% que vem ao CBC nos dias de hoje.

Este recurso não é para o CBC ter mais dinheiro. É para vocês, clubes aqui presentes, terem mais recursos para a formação de atletas olímpicos e paraolímpicos. Hoje, Sr. Presidente, nós temos umas três dezenas de presidentes e diretores de



clubes sociais esportivos do País. Nós temos representantes de clubes de Porto Alegre, do Rio Grande do Sul e de Belém do Pará, sem falar dos clubes de Brasília. Temos representantes de Porto Alegre a Belém do Pará, para os senhores verem a preocupação de todos nós na formação de atletas.

Trata-se de uma cultura brasileira. No Brasil, a formação de atletas olímpicos sempre acontece por meio dos clubes sociais esportivos. Nos países mais desenvolvidos, ela se dá por meio das escolas e universidades, mas, no Brasil, em vista da nossa cultura, acontece em clubes sociais esportivos. O CBC, como representante destes clubes, procura fazer com que o recurso realmente chegue ao destino final, como o senhor comentou.

Eu não quero tomar mais o tempo dos senhores, mas preciso dar um exemplo. No ano passado, estive em Belo Horizonte, no Mackenzie, onde inauguraram o piso de um ginásio com recursos adquiridos através do CBC. Estava presente na inauguração o Secretário de Esporte do Município, o Bebeto de Freitas. Na hora em que se pronunciou, o Bebeto se dirigiu a mim e disse: *“Presidente Jair, eu pensei que ia morrer e não ia ver isto: o recurso público sair do Governo Federal e chegar ao seu destino final, que é a formação dos atletas”*. Ele estava vendo todos os atletas e alunos do Mackenzie presentes naquele momento. Continuou: *“Eu achei que ia morrer e não ia ver isso, porque, no meu tempo, o recurso saía do Governo Federal e se perdia no meio do caminho. Dificilmente o recurso chegava ao atleta. Hoje eu estou vendo que, através do CBC, isso está acontecendo”*.

Portanto, é importante que todos os senhores saibam dessas palavras do Bebeto, grande atleta que tivemos. Ele fez questão de exteriorizar a felicidade dele em ver que hoje o recurso público, através do CBC, chega ao destino final, ou seja, ao atleta.

Boa tarde a todos.

Muito obrigado. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Sr. Jair, vou fazer apenas um adendo. O senhor disse que a sua subsede mais próxima do Nordeste foi em Brasília. Sugiro que a puxe para o Recife. Eu sou de Aracaju. Mas, já que o senhor quer ficar no meio, entre o Norte e o Nordeste, vá para o Recife — ficará mais próximo para nós.



O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Sr. Presidente, já que V.Exa. tocou no assunto, a distância entre Belém do Pará e Brasília é de quase 2.500 quilômetros. Não é tão perto como parece ser. Então, esta aproximação ainda está muito longe de chegar ao razoável.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Em Campinas vai ser quase a mesma coisa para nós.

O SR. SALATIEL CAMPOS - Eu queria apenas fazer um depoimento. Apesar de Brasília estar a 2.500 quilômetros de distância de Belém do Pará, nosso Presidente Jair e o Vice-Presidente Paulo Maciel foram duas vezes investir nos seminários que organizamos, para hoje termos três clubes honradamente aqui presentes — Assembleia Paraense, Clube do Remo e Paysandu —, usufruindo dos recursos da nova Lei Pelé. (*Palmas.*)

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Muito bem colocado! Obviamente, nossa preocupação é que estes recursos não se concentrem apenas em duas regiões, mas em todo o País.

A solicitação do ex-Ministro George Hilton em relação à região de V.Sa. foi muito bem atendida. Nossa preocupação é que os clubes do Norte e do Nordeste também tenham acesso a estes recursos, para que desenvolvam seu esporte. Lá nascem muitos atletas de qualidade e ainda vão nascer muitos atletas que honrarão a camisa brasileira nos eventos internacionais. Mais do que isso, a formação do atleta de alto rendimento representa menos de 1%.

O que nós queremos é formar o cidadão. Este é o maior exemplo que o Comitê Brasileiro de Clubes pode dar como ajuda ao cidadão, para a sua formação e educação, porque o esporte também representa educação e, com certeza, inclusão.

Passo a palavra ao Sr. Edson Garcia, Diretor da Confederação Nacional dos Clubes — FENACLUBES. Peço ao Deputado e Presidente Alexandre Valle, aqui presente, que assuma a Presidência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Eu vou fazer apenas um pedido. Nós sabemos que todo mundo gostaria de falar muito, mas são muitos. Assim, peço que obedeçam religiosamente ao tempo. Senão, nem todos conseguirão falar.



Para que possamos obedecer a uma ordem, o Lindbergh fará a relação dos inscritos. Prometo não interrompê-lo mais.

O SR. EDSON GARCIA - Em nome do Deputado Alexandre Valle, Presidente da Comissão do Esporte, cumprimento os Deputados aqui presentes e o Relator. Em nome da Conceição, nossa Presidente da Federação Gaúcha de Clubes Sociais, Esportivos e Culturais — FEDERACLUBES, cumprimento todas as entidades representativas do segmento. Há vários sindicatos e federações aqui presentes. Que saudade do Sergio Bruno! Eu cumprimento também todos os presidentes e dirigentes aqui presentes.

Minha intenção aqui é passar alguns dados e informações para vocês até para subsidiar o debate, diante dos mesmos números, para facilitar qualquer tipo de deliberação ou discussão no futuro.

Hoje nós fomos convidados para discutir quatro temas, sobre os quais o Relator já falou. O segmento de clubes é único no mundo. Se alguém não sabe, nós temos mais de 13 mil clubes no País, muitos vinculados à migração no País. O mais antigo é de 1821, um ano antes da Independência. Neste ano, nós temos 245 clubes fazendo mais de cem ininterruptos.

Como disse o Presidente Jair, nos países mais desenvolvidos o esporte é desenvolvido na escola; aqui no Brasil, é desenvolvido nos clubes. Mais de 80% dos atletas das últimas duas Olimpíadas estão vinculados a clubes. Isso levou não só o Legislativo, mas também o Executivo a criarem a Lei nº 12.395, de 2011, que alterou a Lei Pelé. Não é a Lei Agnelo/Piva, que é do Comitê Olímpico do Brasil — COB. Esta lei inseriu o CBC no Sistema Nacional do Esporte e, a partir disso, começou um repasse correspondente a 0,5% dos recursos do Ministério do Esporte para a formação do atleta olímpico e paraolímpico, respeitando as regras de convênio.

A primeira discussão, quando recebemos esta incumbência, foi definir o que é formação. Primeiro, discutimos o que é formação, sem entrar no ramo do que é atleta, esporte ou outra coisa.

Depois de muito debate no próprio segmento, durante os congressos e algumas oficinas, definiu-se que iríamos seguir a teoria do Manoel Tubino. Quem é da área do esporte conhece este grande acadêmico do esporte, já falecido. Para nós do CBC, formação é toda categoria abaixo da principal.



Cabem ao CBC o investimento e a transferência dos recursos para todos os clubes que desenvolvem modalidades olímpicas e paraolímpicas em categorias abaixo da principal. Há, porém, uma exceção que nós não passamos, para o futebol masculino, que tem lei própria de formação. A partir daí, nós criamos um programa de formação de atleta.

Nós temos um seminário anualmente, para o qual convocamos todos os clubes que participam da descentralização, para discutir não só o programa de formação de atleta, mas também o plano estratégico, o plano de ação e os próximos editais. O que é edital, para nós? Nós também definimos, através do sistema clubístico, que a forma de descentralização mais democrática se dá por meio da chamada pública. É feita uma chamada pública, que é publicada no *site*, no Diário Oficial, como todas as normas de convênio. Para isso, nós criamos uma comissão de seleção. Independentemente do CBC, esta comissão de seleção — acho que a maioria dos senhores a conhece — classifica e escolhe os melhores projetos para receber dinheiro para a formação de atleta. Ela é composta pela Ana Moser, medalhista do vôlei; pelo medalhista André Heller; pelo Pazetti, Presidente da Associação dos Secretários de Esportes Municipais do Brasil; pelo Cláudio, especialista acadêmico da Universidade Federal do Paraná. A comissão é coordenada pelo Betinho, ex-Presidente do Pinheiros, clube que até hoje mais formou atleta olímpico no País. A comissão é que classifica e define.

Como são distribuídos os recursos? Do recurso que vem, 10% vão para o esporte escolar; 5%, para o esporte universitário e 15%, para o paraolímpico. Nós gastamos, no máximo, 20% da despesa administrativa. Conclusão: sobram 50% para o esporte olímpico. Dentro disso, de 2014, quando iniciamos a descentralização de recursos através da chamada pública, nós já fizemos sete editais, sendo que, do 1 ao 6, foi com transferência de recurso direto aos clubes, com fiscalização e acompanhamento e prestação de contas. No caso do sétimo, quem está fazendo o gasto financeiro é o CBC. Em seguida, explico melhor.

A evolução está aí. Do primeiro edital até o sétimo, já atendemos, nesses 4 anos — somos o comitê mais novo do sistema nacional do desporto —, 123 mil 377 beneficiados.



Dos recursos recebidos até agora, para vocês terem noção, separados aqui por edital, nós recebemos para o esporte olímpico, que é a maior discussão, por enquanto, 208 milhões. Com os editais 6 e 7, que têm um programa para até 2010, um edital ciclolímpico, nós já temos comprometidos 266 milhões. Nos próximos 2 anos, dos recursos que entrarem, 50% do olímpico já estão comprometidos com esses dois editais.

Para administrar isso, como o próprio Presidente falou, temos uma prestação de contas trimestral; já tivemos duas auditorias do TCU e duas da CGU; já tivemos a aprovação do Conselho Nacional do Esporte, por unanimidade; temos auditoria interna, com auditoria de conformidade e auditoria de mérito; temos auditoria externa, que dá suporte ao Conselho Fiscal. Todo relatório de gestão é aprovado em assembleia no segmento clubístico.

Passo aos destaques da CGU sobre as auditorias feitas no CBC.

Conclusão: em face dos exames realizados, não foram constatadas irregularidades que necessitem de medidas corretivas. Outra conclusão: o plano estratégico do CBC — não vou lê-lo inteiro — atende indicadores e metas desejados para o planejamento na descentralização de recursos. Outra conclusão da CGU: o CBC possui planejamento desenvolvido para, a cada ciclo olímpico, atender metas e resultados que visam aumentar a eficiência na formação de atletas.

Passo aos destaques do TCU nas duas auditorias. Só houve uma recomendação, que nós já atendemos. Na última auditoria, conclui-se o seguinte: “(...) *haja vista que os recursos disponibilizados à CBC, conquanto não aplicados imediatamente, estão sendo executados de forma planejada e responsável pela entidade*”. Assina o Ministro Luciano Brandão Alves de Souza.

Por aí dá para ver que o sistema de governança dos clubes e do CBC vem evoluindo graças à realização de várias oficinas. Agora há a participação do CBC no Pacto pelo Esporte, no *rating*, que são os indicadores de governança. Nós estamos com os atletas do Brasil e devemos evoluir muito mais, não só na gestão dos recursos públicos, mas também na gestão do segmento como um todo.

Agora vem o mais importante: o Edital de Chamamento de Projetos nº 7. Nós tínhamos feito o Edital nº 3 e o Edital nº 4, para incentivar os clubes a participarem de competições nas federações e confederações. Verificamos uma dificuldade: são raras



as entidades de administração de desporto que têm calendário e local de competição. Como o clube vai fazer um projeto sem esses dados?

Então, o Edital nº 7 foi em sentido contrário. Nós nos reunimos com as confederações e com os clubes e criamos um sistema de definição: em quais categorias e modalidades vai haver campeonato até 2020? Quando e onde? Os clubes são anfitriões dessas modalidades.

Sem sombra de dúvidas, os clubes são a maior estrutura esportiva do Brasil e até do mundo. Não existe lugar no mundo em que haja essa quantidade e essa qualidade de estrutura esportiva. Hoje isso está disponível, junto com as confederações, para essa competição.

Só com o primeiro edital, em que havia uma expectativa baixa, temos o seguinte: 263 competições até 2020, 48 competições realizadas até março, 39 clubes anfitriões, 81 clubes participantes.

Agora ressalto o mais importante, que acho que vai servir para os senhores: a arrecadação de 0,5% para o CBC, em 2015, era de 69 milhões de reais; em 2016, esse valor recebido das loterias caiu 15% e foi para 58 milhões de reais; em 2017, aumentou 4,8% e foi para 61 milhões de reais. Nós não chegamos nem perto do que arrecadávamos em 2015.

Conseqüentemente, o que está acontecendo? Nós estamos reavaliando a situação, juntamente com as confederações e os clubes anfitriões, mediante essas competições que ocorreram. Estamos limitando os clubes, limitando os atletas a participarem de competições, limitando modalidades, limitando categorias, por falta de recursos e por falta de orçamento.

Se, além de fazer o sistema de governança — ideia que acho muito salutar e deve ser feita mesmo —, esta Comissão tem o ideal de aumentar o número de atletas para disputar as Olimpíadas e as Paraolimpíadas, temos, pelo menos, que massificar, que aumentar a formação. E só conseguimos aumentar a formação se houver investimento no segmento que entende disso.

Se você quer aumentar o número de atletas, aumentar a participação, aumentar a representação, é preciso aplicar na formação. Com toda certeza, esse 0,5% está parado no limite de projetos que nós temos. Não temos como crescer mais. Ao contrário, isso segura o crescimento dos clubes.



Nós trazemos essa reivindicação, Sr. Presidente, porque, se pudesse passar de 0,5% para 1%, nós teríamos alguns anos para obter um crescimento maior nos clubes, massificando as atividades e desenvolvendo mais atletas.

Este é o primeiro ciclo olímpico de que participamos. Nós começamos em 2014, e o ciclo olímpico vai terminar em 2020. Não temos ainda um resultado que demonstre como esses atletas foram evoluindo até conseguirem o índice olímpico. Mas eu acho que, já no segundo ciclo, em 2024, teremos a estatística para demonstrar quão importante foi aplicar esses recursos no segmento clubístico.

Eu gostaria de passar esses dados aos senhores, porque, em princípio, assustou-nos bastante quando saiu o primeiro substitutivo, que tirava metade do valor do 0,5% para repassá-lo ao esporte militar. Eu elogio o esporte militar, que é nosso parceiro no Conselho Nacional do Esporte, nas nossas atividades, enfim, é um segmento muito importante. Entretanto, essa divisão nos assustou muito.

Eu vejo que isso está indo por uma outra linha de pensamento, por uma outra linha de negociação. Nós estamos muito bem articulados com COB, CPB, CBDE e CBDU. Eu acho que não é difícil chegar a um sistema que vai melhorar o esporte nacional. (*Palmas.*)

O SR. DEPUTADO FÁBIO MITIDIERI - Eu gostaria de fazer um adendo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Pois não.

O SR. DEPUTADO FÁBIO MITIDIERI - Como ele mencionou a questão do nosso PL, é importante dizer que buscamos ampliar os recursos para o CBC. A nossa discussão aqui é no sentido de que esses recursos sejam ampliados, em conjunto com a ampliação das sugestões de controle e fiscalização que o TCU e a CGU nos solicitaram que fossem introduzidas no PL.

Há uma preocupação da nossa parte em reduzir o percentual da parte administrativa, para que sobrem mais recursos para a ponta, na qual os senhores efetivamente precisam focar, que é onde está o atleta, o jovem.

Há também a preocupação com a utilização dos recursos exclusivamente com o desporto, sem que haja os chamados eventos sociais. V.Sa. não tocou no assunto, mas, em relação à FENACLUBES, há uma denúncia do gasto de 1 milhão de reais com um concurso de *miss*. Não dá! Isso depõe contra o desporto, contra nós que



estamos lutando todos os dias e contra os senhores. É preciso evitar e combater esse tipo de situação.

É difícil buscar um texto que amplie os recursos para o próprio CBC ou até mesmo, no futuro, para a FENACLUBES, se pode haver mudança de foco. Então, o texto vai ter amarrações no sentido de que o foco seja o desporto.

Só entrei nesse campo porque foi mencionado o PL, mas eu não queria atrapalhar a Mesa. Sei que o foco aqui é outro.

O SR. DEPUTADO DELEY - Desculpe-me ter chegado somente agora, mas eu saí quase às 14 horas daqui.

V.Exa. disse que houve um gasto de 1 milhão de reais com um concurso de *miss*?

O SR. EDSON GARCIA - Eu posso falar sobre isso?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Já que tocaram no assunto, V.Sa. pode se manifestar.

O SR. EDSON GARCIA - Eu acho que está havendo alguma confusão. Na lei da Timemania, que é a lei de refinanciamento do futebol, foi direcionado 1% dos recursos para as atividades dos clubes sociais, em projetos aprovados pela FENACLUBES. Isso não tem nada a ver com esporte.

E de onde foi tirado isso aí da musa? Isso foi pago com recursos próprios da FENACLUBES, assim como os *shows* e os congressos são pagos com recursos próprios. Os congressos servem para capacitar os dirigentes em suas gestões. Neste caso, sim, a única coisa que nós pagamos é a hospedagem para o dirigente participar do congresso. Todo o resto é feito com recurso próprio, por meio de uma lei específica para isso. Não tem nada a ver com a Lei Pelé, com o esporte de alto rendimento. São recursos para atividades de clubes sociais. Não tem nenhum clube esportivo lá.

Então, acho que está havendo algum mal-entendido.

O SR. DEPUTADO FÁBIO MITIDIERI - Eu gostaria de me justificar.

Aqui somos informados como os senhores. A mídia nos fornece certas informações. As matérias de jornais que nos chegam são as mesmas que os senhores leem sobre a Câmara dos Deputados, sobre os trabalhos dos Deputados. Então, quando nos chega a informação sobre algo, temos que tratar do assunto aqui, e é isso que estamos fazendo.



V.Sa. tem toda a oportunidade, como fez agora, de defender a instituição e dizer: *“Não é bem assim. Existe uma norma diferente, a legislação é diferente e, por isso, foi feito de outra forma.”*

Agora, mais do que me esclarecer, acho importante esclarecer à sociedade, uma vez que a matéria saiu em rede nacional e chegou à Câmara dos Deputados como denúncia. Nós somos obrigados, como agentes fiscalizadores que somos, a investigar esse tipo de situação.

Acho que esta audiência é uma oportunidade muito boa, pois está sendo transmitida para o Brasil todo, para V.Sa. fazer o que acabou de fazer: justificar, esclarecer e botar os fatos à mesa, para que não tenhamos nenhum tipo de transtorno.

A minha ideia aqui, como Relator do PL, é ajudar o desporto. Tenho certeza de que, na Comissão presidida pelo Deputado Alexandre Valle, ocorre da mesma forma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Tem a palavra o Deputado Deley, para darmos andamento à reunião.

O SR. DEPUTADO DELEY - Apenas quero entender o que ocorreu.

O Sr. Edson disse que esses recursos são recursos próprios. Houve esse negócio de 1 milhão de reais para desfile de *miss*? Quando o senhor fala que esse dinheiro é oriundo de clubes sociais, isso é oriundo dos recursos que vão para o CBC?

O SR. EDSON GARCIA - Não! A Timemania direciona um terço do valor arrecadado para o Ministério, ou seja, 1% da Timemania, da lei do REFIS do futebol, para atividades dos clubes sociais. E qual é a atividade? Congresso brasileiro de clubes. A musa, a música, a bebida, o que tiver no Congresso é pago com recursos próprios. Nem poderia ser diferente. Não somos loucos de fazer isso. Mas vem um blogueiro, tira foto da musa e fala que foram utilizados recursos públicos.

Como disse o Deputado Fábio Mitidieri, eu acho que esta é uma oportunidade até para explicarmos isso.

O SR. DEPUTADO DELEY - Eu concordo com o que disse o Deputado Fábio Mitidieri. Eu também sou um entusiasta e acho que os clubes podem ser o grande pilar do esporte brasileiro, juntamente com as escolas. Entretanto, maluco aqui neste País é o que não falta!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Dando prosseguimento à audiência, passo a palavra ao Sr. Sergio Bruno Zech Coelho.



O SR. SERGIO BRUNO ZECH COELHO - Boa tarde a todos.

Obrigado, Deputado Alexandre Valle, Deputado Fábio Mitidieri, companheiros dos clubes, Sr. Edson Garcia e meu amigo Jair Alfredo.

Como está escrito aqui, eu sou representante do Minas Tênis Clube, um dos tradicionais clubes do nosso País. Os senhores são do segmento e sabem muito bem a importância que os clubes têm no País.

Hoje há mais de 140 clubes centenários no Brasil, se não me engano. Não existe nenhum outro setor no País que tenha essa quantidade de entidades com mais de 100 anos.

Eu digo — é verdade — que, se existe esporte neste País, isso se deve a nós, os clubes. Há 140 anos, já havia clubes promovendo esporte, como o Grêmio Náutico União, o Flamengo, etc. Nós não tínhamos COB, não tínhamos federação, não tínhamos confederação, não tínhamos absolutamente nada. Quem promovia o esporte neste País éramos nós, os clubes. E continuamos a fazer isso.

O Minas foi fundado em 1935, por uma decisão do Getúlio. Na época, existia aquela história de *mens sana in corpore sano*, nazismo, fascismo, e o Getúlio definiu que ia fazer algumas escolas de esporte no País. Uma delas foi feita em Belo Horizonte. Daí nasceu o Minas Tênis Clube.

Então, está no nosso DNA a formação de atleta. Nós temos isto na nossa constituição, até pela lei: somos obrigados a ser uma escola de esporte. Essa é a nossa vocação, e acreditamos nela.

Damos ao esporte um sentido muito grande na educação. Para os senhores terem uma ideia, sem querer me vangloriar, hoje temos, nas nossas escolas de esporte, 19 mil alunos. Estamos formando mais de 7 mil crianças. Isso é muito importante, porque sabemos que estamos contribuindo para a formação da nossa juventude.

Nós nunca fomos reconhecidos por esse trabalho. Eu cansei de participar de reuniões com autoridades, com Ministros, com o próprio Nuzman — joguei vôlei com ele, inclusive na Seleção —, que dizia que quem forma atleta no Brasil é a escola. Ele dizia: *“Eu fui formado na escola”*. Eu falava: *“Você está maluco. Você não foi formado na escola coisa nenhuma. Você foi formado no Botafogo. A escola pode tê-*



lo despertado para o esporte, mas a sua formação, onde você aprendeu esporte, onde você aprendeu a jogar voleibol foi no Botafogo". É assim em todo lugar.

Como foi dito aqui por alguns dos meus antecessores, nós somos o pilar do esporte neste País, e nunca tínhamos reconhecimento. No nosso sistema, de um lado está o Ministério do Esporte; do outro lado, o COB. Temos confederação, federação e, lá embaixo, o clube. Nós nunca recebemos 1 centavo de ninguém para nos ajudar no nosso trabalho.

Foi necessária uma luta muito grande — da qual participei pessoalmente, assim como o Edson — para conseguirmos ser reconhecidos e ter o direito de receber algum recurso público.

A primeira ideia que tivemos foi tentar pegar para nós, via CBC, uma parte dos recursos que eram do COB. Isso resultou em uma série de embates. Esta Câmara aprovou a nossa proposta e, no fim, o Ministro nos chamou e fizemos um acordo. Ele nos passou parte dos recursos que o Ministério tinha, e daí saiu esta posição que temos hoje. A lei foi feita. Se os senhores tiverem o cuidado de lê-la, verão que está escrito claramente que o recurso é para a formação de atletas. Isso nós não temos que discutir.

Em todo esse trabalho que vem sendo feito, eu discordo de algumas coisas. Por exemplo, discordei formalmente, por escrito — não só eu, mas também seis clubes vieram a Brasília —, do primeiro posicionamento do CBC: era proibido usar recursos desse incentivo para pagar técnicos e dar ajuda de custo a atleta. Eu disse: *"Vocês me desculpem, mas isso é coisa de maluco. Como vou formar atleta sem técnico e sem ajudar o atleta em formação, sem bolsa de estudo, ajuda de custo, o que for necessário?"*

Isso aconteceu no começo. Hoje já existe certa abertura. O que é realmente fundamental para nós é ter bons professores, senão não vamos chegar a lugar nenhum.

Nós vivemos recentemente algumas experiências. Tivemos, aqui no nosso Brasil, as maiores competições do mundo, que foram realizadas em um pequeno espaço de tempo: Jogos Mundiais Militares, Copa do Mundo, Olimpíadas, entre outros que não lembro agora. Na época, eu pelo menos tinha esperança de que todo aquele legado viesse agregar algum valor ao segmento do esporte, esperava que o esporte



fosse valorizado. Hoje eu constato, muito pesaroso, que o que vemos são legados em que só há malfeitos, por exemplo, no COB e não sei mais onde. Isso foi, na minha visão, extremamente negativo para nós do esporte.

Volto a dizer: nós dos clubes é que sabemos fazer o esporte. Temos esse *know-how* e temos que usar isso. Não adianta querer inventar a roda. Existe toda uma tecnologia já bem apresentada.

Sei que uma das razões do decreto, da lei que está sendo feita seria aumentar os recursos do CBC. Eu digo aos senhores que me preocupa muito o que hoje está sendo gasto em matéria de administração das entidades, principalmente do CBC. O Edson nos deu alguns números: se não me engano, no ano passado, o CBC recebeu 66 milhões de reais. Estou correto? (*Pausa.*) Foram 61 milhões de reais.

Eu tenho aqui o balanço do CBC, que foi publicado e aprovado. Eu fiz rapidamente alguns levantamentos. Consta lá que, só com pessoal e encargos, foram gastos 14 milhões, mais 3,8 milhões no ano passado, mais 2,5 milhões com outras despesas administrativas, chegando a um total de mais de 16 milhões de reais. Se dividirmos esse valor por 61, o resultado será muito acima dos 20% que a lei permitia no ano passado. Pode ser que eu esteja enganado — já que os senhores tiveram todas essas auditorias —, mas isso é o que está no balanço publicado pelo CBC.

Então, é para ter mais dinheiro? Ótimo! Nós precisamos de recursos para aplicar efetivamente no esporte, mas tem que ser aplicado na ponta, porque, senão, vamos ficar em um meio de campo com o qual, infelizmente, não concordo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Peço que conclua, Sr. Zech.

O SR. SERGIO BRUNO ZECH COELHO - Muito obrigado.

Era isso o que eu tinha a colocar.

Estou aqui para trabalhar e continuar brigando pelo nosso esporte. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Nós agradecemos.

Dando continuidade à ordem de inscrições, passo a palavra ao Sr. Eduardo Ribas, do Veleiros do Sul.

O SR. EDUARDO RIBAS - Sr. Presidente Deputado Alexandre Valle, cumprimento V.Exa. e todos os presentes.

Eu vou ficar dentro dos meus 5 minutos. Vou olhar para aquele relógio, porque, se deixarem, eu falo por mais de 1 hora.



Eu tive a oportunidade de ser atleta e tive a oportunidade de ter um filho atleta. É preciso saber tomar decisões e fazer escolhas.

É muito importante entendermos o que o CBC faz hoje. Não vamos falar de política, mas vamos entender o desenho americano.

O meu filho estudou numa faculdade nos Estados Unidos. Antes de entrar na faculdade, nos Estados Unidos, quando está no *high school*, o menino pensa: “*Que esporte eu vou jogar para pagar aquela faculdade?*” Aí ele vai jogar basquete, vôlei, tênis, porque a forma de cursar uma universidade é sendo um atleta de ponta. O modelo americano acontece nas universidades, nas escolas. Como funciona o modelo dos países comunistas, como Cuba e Rússia? O Estado banca.

No Brasil é diferente. Não significa que os Estados Unidos estão certos, que Cuba e Rússia estão certos. O nosso modelo é diferente. Há mais de 200 anos, os clubes fazem assim, e é assim que funciona.

Eu fico preocupado quando ouço o seguinte: “*Das 19 medalhas conquistadas, 13 foram de atletas patrocinados pelas Forças Armadas*”. Maravilhoso! Mas três atletas eram do meu clube, foram formados no meu clube. Temos que separar base e formação — e o CBC soube fazer isso —, para haver excelência, para atletas receberem Bolsa Atleta, Bolsa Pódio.

Se as Olimpíadas fossem hoje, dos oito barcos que correm nas Olimpíadas, dois seriam do meu clube. A diferença é que a Bolsa Pódio e a Bolsa Atleta são para atletas com nível de excelência, para quem está pronto. Esse vai para a Marinha — e tem que ir, porque o clube não tem mais como bancá-lo. Ele vai ser patrocinado, como o Robert Scheidt era patrocinado pelo Banco do Brasil. Tem que ser assim, porque o investimento naquele atleta de ponta é muito maior do que um clube ou uma entidade pode dar.

Temos que nos preocupar com a base. É a base da pirâmide que tem que ser grande. Essa base acontece nos clubes. Com o CBC, o recurso chega à ponta. Por que o recurso chega à ponta? Porque se consegue criar uma pista nova de atletismo, com inclusão social, como nós fazemos, como faz a Sociedade de Ginástica de Porto Alegre — SOGIPA.

Qual é a chance de um menino que mora numa vila que fica ao lado do meu clube velejar em um barco de 120 mil reais? Nenhuma! Lá ele pode, porque eu tenho



um barco para oferecer a ele. Pode ser que, daqueles 150 meninos que hoje estão lá treinando vela, um ou dois sejam de uma condição de vida mais diferenciada, que não tiveram a oportunidade que tivemos de nascer em uma família abastada, que pôde bancar aquele clube de vela. Então, estamos abrindo o leque do esporte. Isso é muito mais do que criar a base. Há todo um projeto de inclusão social em que se limita esse recurso na base, no investimento na base.

O CBC, hoje, tem esse 0,5%. Por que buscamos trazer esse valor para 1%? No momento em que fizemos aquela reunião lá no meu clube, quando o George Hilton comentou com o Jair, nós estávamos recebendo recursos. Fomos um dos primeiros clubes a receber recursos. No Brasil, os clubes, que aqui estão representados pelo CBC, são organizados, têm auditoria externa, prestam contas, têm um CNPJ e um CPF limpos, há muitos e muitos anos. Essa é uma maneira correta de receber o recurso. Quando o repasse ocorreu por meio de uma descentralização, por um edital específico, eu poderia ter entrado nos sete editais, mas optei por três, porque fui naqueles específicos que fomentavam o meu esporte-fim. Isso é importante.

No Brasil, o esporte acontece nos clubes. Esse é o desenho do Brasil. Se queremos ter inclusão social, se queremos que um menino seja um atleta de ponta do atletismo, seja um atleta da Marinha, das Forças Armadas, seja um atleta das argolas, ele tem que ter oportunidade de conhecer o esporte na escola. Ele tem que conhecer o esporte na escola, que pode ter uma quadra de vôlei, de basquete, um campo e, se puder, uma pista de atletismo. Entretanto, treinamento em nível de excelência e desenvolvimento se fazem no clube. Não existe outro lugar no Brasil em que possa acontecer isso. Isso acontece no clube.

Vou ser sincero: poucos clubes no Brasil conseguem bancar excelência — pouquíssimos! Hoje estão sendo bancadas duas equipes olímpicas lá. O Paulistano, o Minas e o Pinheiros também bancam. São poucos os clubes que conseguem bancar excelência.

Deixem a excelência para a Bolsa Atleta, para a Bolsa Pódio, para a Marinha, para as Forças Armadas. Nós temos que investir na base. A base da pirâmide é o modelo do Brasil, que é o modelo do clube.



Precisamos desse recurso. Podem ter certeza de que esse recurso chega à ponta. Há um quê de inclusão social muito forte nisso. Convido os senhores a visitarem os clubes e verem que isso acontece hoje na realidade. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Obrigado, Sr. Eduardo.

Passo a palavra à Sra. Fátima Mosqueira, da ASCADE.

A SRA. FÁTIMA MARIA DE FREITAS MOSQUEIRA - Boa tarde.

Estou aqui representando a Associação dos Servidores da Câmara dos Deputados — ASCADE, que também tem uma estrutura de clube. Assim como os clubes maiores, estamos nessa batalha pela base.

Temos atletas despontando mundialmente, ganhando prêmios, medalhas, troféus pelo Brasil. Fazem isso com o pires na mão, pedindo ajuda para competir na ponta, mas dependem da nossa pequena ajuda. É nesse sentido que nós menores estamos aqui.

Temos uma única estrutura, em Brasília. Temos 97 anos de existência e seguimos o exemplo da Associação do Pessoal da Caixa Econômica Federal — APCEF e da Associação Atlética do Banco do Brasil — AABB, que tem mais de mil unidades no Brasil inteiro.

Então, eu peço uma atenção especial principalmente a esta Casa, da qual faço parte — fui servidora e hoje estou nessa luta pelos servidores. Brasília é uma das Unidades da Federação com maior número de clubes e associações que representam servidores públicos, assim como outros trabalhadores, e precisa dessa atenção especial.

Estamos nessa luta, nesse trabalho. Não temos recursos específicos, mas agora, com a presença do nosso Presidente do Comitê, esperamos que isso mude. Como ele falou num seminário do qual participamos, nós também vamos lutar pela base, pelo pequeno, pelo primário, pelo início. Nós fazemos parte dessa luta, desse trabalho para chegar à ponta.

Muito obrigada. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Nós agradecemos, Sra. Fátima.

Passo a palavra ao Sr. Marcelo Vido, do Flamengo.

O SR. MARCELO VIDO - Boa tarde a todos.



É muito bom participar desta Mesa. Falar de esporte é sempre algo muito rico.

Eu fui atleta olímpico. Tive a oportunidade de disputar duas Olimpíadas. A minha formação começou num clube classista, no ABC paulista, em São Paulo. Hoje eu estou à frente dos esportes olímpicos do Clube de Regatas do Flamengo, que, como foi mencionado, é um clube centenário, que vai completar 123 anos no dia 15 de novembro.

Talvez o Flamengo tenha hoje o maior número de atletas olímpicos na história. Em 22 edições, nós tivemos mais de 210 atletas formados. Há uma história muito rica dentro do clube.

Vou falar rapidamente desses 5 anos e meio que estou à frente dos esportes olímpicos. O Eduardo Bandeira assumiu a presidência em janeiro de 2013, quando o clube estava numa situação muito difícil, muito complicada. Naquele momento, nossa dívida era de cerca de 800 milhões de reais. Hoje em dia, o clube é muito bem administrado e tem suas contas muito bem controladas.

No que diz respeito aos esportes olímpicos, o primeiro diagnóstico que fiz quando cheguei foi em relação às contas. Naquela oportunidade, em 2012, nós tínhamos uma receita de 2 milhões de reais e uma despesa de 19 milhões de reais. Então, em 2012, havia um déficit de 17 milhões de reais. Daquela forma não podíamos continuar.

O Presidente determinou que os esportes olímpicos só poderiam continuar se fossem autossustentáveis. Não falo em autossustentabilidade só do ponto de vista financeiro, mas também em relação a ter bons equipamentos, uma piscina boa, uma quadra boa, uma pista boa, bons barcos para o remo, uma sala de peso ou um centro de força, que não existia.

Temos que ter autossustentabilidade também na capacitação dos profissionais, porque eles vão formar os nossos atletas. Temos que ter financiamento para as competições. Como disse o Dr. Sergio Bruno, o recurso tem que chegar ao atleta não em forma de salário, mas em forma de ajuda para os estudos, para a condução, para a alimentação, para a nutrição.

O Flamengo é um caso à parte, porque, dos 630 atletas em formação hoje, 65% vêm das comunidades. O clube é totalmente aberto às comunidades. Então, mais do que nunca, precisamos ter recursos, não para pagar escola, porque eles vêm de



escola pública, mas para pagar o transporte ou mesmo para melhorar a alimentação, comprar uniforme, cuidar da saúde.

Então, a partir de janeiro de 2013, os esportes olímpicos entram nessa luta em busca de autossustentabilidade. Isso foi um processo. O primeiro passo importantíssimo foi se tornar um clube cidadão e conseguir todas as certidões negativas.

Para os esportes olímpicos, essa foi uma extraordinária notícia, porque, naquele momento, já estávamos aptos a buscar os recursos incentivados. A partir daí — acho que foi em março ou abril —, o esporte olímpico passa a ter uma vida com um cenário mais positivo em médio e longo prazos.

Hoje, depois de 5 anos, o clube é autossustentável — quando falo clube, refiro-me aos esportes olímpicos — e não depende de 1 centavo do futebol. Nós somos responsáveis pelas nossas escolas de esporte. Hoje temos em torno de 4 mil alunos. O resultado dessas escolas de esporte faz com que a máquina gire e que entremos num círculo virtuoso.

Nesses 5 anos — eu não sei os números exatos agora —, talvez o Flamengo tenha sido um dos clubes mais beneficiados com recursos do CBC, ou pelo menos está entre os três mais beneficiados, de forma responsável. Não buscamos recursos públicos sem prestar contas, sem fazer toda a gestão de forma responsável.

Nesses anos, tentamos equilibrar recursos públicos com recursos da iniciativa privada. Nós sabemos que conseguir recursos da iniciativa privada para a formação é muito difícil. No esporte de ponta, já é difícil arrumar patrocínio para uma equipe de basquete, uma equipe de vôlei, uma equipe de handebol; para a base, é praticamente impossível.

O clube hoje depende, sim, dos recursos das leis de incentivo federal e estadual e principalmente dos convênios diretos com o CBC. O clube poderia, sim, pensar em aumentar o número de modalidades, mesmo porque nós fomos procurados por muitas confederações com esse fim, mas, se o recurso não aumentar, não temos a menor condição de ter mais atletas ou mais modalidades.

Então, aumentar de 0,5% para 1% é um pleito não só para descentralizar a divisão dos recursos, mas também para continuarmos fazendo esporte de uma forma responsável.



Obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Obrigado, Sr. Marcelo.

Concedo a palavra ao Sr. Carlos Henrique Martins Teixeira, do Minas Tênis Clube.

O SR. CARLOS HENRIQUE MARTINS TEIXEIRA - Cumprimento o Presidente desta Comissão do Esporte, Deputado Alexandre Valle; o Presidente Jair, meu amigo; o Sr. Edson Garcia; o Sr. Sergio Bruno, Presidente do Conselho Deliberativo do Minas Tênis Clube; e todos os demais presentes.

O Presidente Sergio Bruno, com muita propriedade, já fez um histórico do Minas Tênis Clube e já ilustrou o nosso DNA.

Está cada vez mais difícil fazer esporte no Brasil. Como o Marcelo Vido disse, a base é uma parcela da pirâmide que se reveste de uma característica social muito importante, que cabe ao Estado. Por que cabe ao Estado? Porque está cada vez mais difícil buscar esses recursos. Para quem está na ponta, para quem tem visibilidade, está difícil; para a base, está quase impossível, notadamente neste momento que o Brasil vive.

Obviamente, Presidente Jair, não podemos deixar de expressar aqui que nós nos preocupamos com o aumento da despesa administrativa. Fico à vontade de dizer isso aqui, pois já lhe disse pessoalmente. Ficamos preocupados com isso, porque entendemos que o CBC tem capacidade de gestão, ou seja, de gerir esses recursos, fazendo com que todas as exigências legais sejam cumpridas com um gasto administrativo baixo.

Talvez até seja uma incongruência aumentarmos os recursos. É claro que aumentar os recursos é muito salutar, mas, cada vez que nós os aumentamos, nós também estamos dando azo ao aumento de despesa administrativa. O CBC tem a proficiência de administrar isso dentro de um limite, para que cheguem mais recursos onde é preciso, onde é necessário. Fico à vontade para expressar isso aqui, Presidente Jair, Sr. Edson.

Outro tema proposto nesta reunião diz respeito à participação dos clubes nas entidades esportivas. Nós ainda não abordamos isso aqui, mas eu queria abordar.

Houve uma primeira etapa com o COB, que foi muito exitosa. O preço da democracia é a eterna vigilância. Nossos clubes agora estão bem vigilantes. Esses



problemas que têm ocorrido em várias confederações atingem o esporte e a todos nós. Somos partícipes nessas histórias. O Minas Tênis Clube e outros clubes são clubes olímpicos e contribuem muito para o olimpismo do Brasil.

Temos que ressaltar que dois representantes de clubes, com o apoio do CBC, tomaram assento lá no COB, porém, Presidente Jair, em posições que não eram destinadas especificamente aos clubes, porque eram independentes. Então, tivemos que fazer certa ginástica e encontrar pessoas com essa independência que preenchessem todos os requisitos.

É preciso haver assento dos clubes lá no COB. O projeto de lei que foi retirado de pauta na sessão anterior é muito elogiado, porque prevê a participação de representantes dos clubes nas confederações, o que já é um grande passo. Penso que o CBC, assim como todos nós representantes de clubes, tem integral apoio.

Porém, ainda consta no texto da lei — como foi retirado de pauta, acredito que possa ser objeto de nova análise — que o peso desses votos fica dependendo das confederações. Talvez a lei pudesse ser mais objetiva com relação a isso, não dando margem para esse tipo de interpretação, resguardando aqueles que são os atores verdadeiros, como os atletas, os árbitros e todos os que contribuem para o olimpismo e as confederações.

Sr. Presidente, V.Exa. mencionou aqui que todos os indicadores que temos são meios de controle — inclusive os que estão no projeto de lei. V.Exa. bem ponderou que ainda não temos resultado, mas precisamos, sim, ter os indicadores de resultado para não nos perdermos nesse controle. Não podemos exacerbar o controle e esquecer o resultado, porque o nosso tema principal é a formação de atletas. Acredito que essa seja a meta de todos nós.

Com isso, encerro o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Obrigado.

Concedo a palavra ao Deputado Deley.

O SR. DEPUTADO DELEY - Sr. Presidente, quero cumprimentar os convidados que integram a Mesa, o Sergio, o Jair, o Edson, todos os representantes de clubes e os demais presentes.



Eu ouvi as últimas palavras do Carlos e queria comentar a respeito disso. Peço até que me perdoem um pouquinho a falta de modéstia, mas, além de ter sido um atleta de futebol, tive a oportunidade de ser Secretário de Esporte de Volta Redonda. Confesso que, como jogador, eu pouco vivia, porque eu ficava muito fechado naquele mundo futebolístico.

A oportunidade de ter sido Secretário realmente ampliou a minha visão e comecei a entender que o esporte é muito mais do que eu pensava. Ontem, inclusive, eu estava em uma reunião em que se discutia a participação dos atletas no processo eleitoral do esporte brasileiro.

Eu ouvi o Carlos falando sobre os assentos no COB. Então, lembrei que o Dr. Sergio teve alguns embates com o Nuzman, em relação a algumas atitudes do COB. Enfim, quero dizer aqui que tenho pavor, horror — o que vou dizer aqui não é nenhum oportunismo — de ver quem quer que seja sendo acusado pela Justiça. Não tenho alegria nenhuma ao ver alguém sendo preso, seja Deputado, seja dirigente esportivo. Da minha parte, não há nenhum tipo de prazer nisso. Inclusive, falei ontem publicamente que os que estão sendo acusados são pessoas com que tive e tenho relação. Entretanto, isso é problema deles.

Tenho o mesmo sentimento em relação aos Deputados. Não temos nenhum prazer em, muitas vezes, ter que votar a cassação de determinados colegas, mas infelizmente vivemos um momento muito estranho — talvez esteja me aproveitando da palavra do Ministro Marco Aurélio, do Supremo.

Posso dizer que ajudei um pouquinho a segurar esses repasses para o CBC, porque eu sempre perguntava como seriam utilizados e quais seriam os critérios. Eu lembro que o Aivaldo, muitas vezes, dizia: *“Você está sendo muito rigoroso”*. Eu falava: *“Não, não estou. Muito pelo contrário, eu tenho fé e crença no poderio do esporte”*.

Eu estava ouvindo o Carlos e o Sergio falarem e me lembrei do que eu disse ontem para a Paula e para o Emanuel. Eu falei que nós — e eu me incluo — somos omissos. E isso serve para todos nós, atletas e dirigentes. Eu tenho inveja do pessoal da área de cultura, porque, quando se ameaça tirar um centavo da pasta deles, eles fazem tumulto. E eles fazem política, sim. A propósito, resolveram demonizar a política. Existe a política e a politicagem. Se olharmos o dicionário, veremos que essas palavras têm uma diferença muito grande. Ontem eu falei para os atletas: *“Eu acho*



perfeito e justo que os clubes tenham direito a voto, assim como acho que os atletas também têm que ter direito a voto". Não dá mais para aturar essa estrutura de federações e confederações, em que um pequeno colégio eleitoral praticamente resolve todo o nosso futuro. Essa é a grande verdade. Eu falei isso ontem para o Emanuel, para a Paula e para o Lars Grael.

Agora foram destinados dez assentos no Comitê Olímpico para atletas e ex-atletas. Aquilo não vai resolver nada! É para inglês ver. Então, precisamos tomar uma atitude. Eu não sou contra se ter mais recursos. Pelo contrário, podem contar comigo, estou no meu quarto mandato. Mas há desesperança.

Sergio, eu também faço o mea-culpa. Eu me lembro dessa Copa do Mundo, quando eu bati palmas e sorri, mas o que ela nos deixou de legado foi simplesmente tirar dos estádios o pobre e os que têm menos condições. Eu ouvi o rapaz falar da condição do Flamengo. Hoje, quando se olha para o Maracanã, vemos que ali parece o encontro da classe média. Essa foi a herança que a Copa do Mundo nos deixou.

Nas Olimpíadas, houve um ou outro benefício, mas foi muito pouco, como disse o Sergio. Na nossa cidade, ainda se alcançou um percentual, deixou-se algum tipo de legado, mas muito pequeno. Falaram que iam despoluir a Lagoa da Barra, que iam fazer não sei o quê, e não fizeram. E estamos lá com o Centro Olímpico. Eu lembro que, no final do ano passado, o ex-Presidente desta Comissão nos disse que o Presidente do Comitê Olímpico estava nos convidando para tomar um café e conhecer as instalações olímpicas. Ele me perguntou: *"Deley, você é do Rio de Janeiro e não vai?"* Eu respondi: *"Amigo, não aguento mais, sinceramente, com todo o respeito"*. Isso aconteceu até antes de o ex-Presidente do COB ter sido levado para depor. Enfim, falo isso com muita tristeza.

Há uma demonização da política, Sergio, e não deve haver. Muito pelo contrário, a própria cultura tem o seu lado político. Eu estou aqui pedindo voto, como o representante do Flamengo fez ali. Fiquei com medo de ele pedir voto para o Eduardo. Se for para Deputado Federal, eu vou entrar na Justiça, dizendo que é campanha antecipada. *(Risos)* É brincadeira. Mas eu acho que temos que fazer política, sim. Temos que ir atrás daqueles que apoiam o esporte. E não estou legislando em causa própria, juro a vocês que não. Mas nós temos que fazer política, sim. Por que não fazer? Por que só se lembra do esporte quando se quer tirar foto,



quando se ganha medalha, quando há campeões? Na hora de destinar recursos no orçamento para que se possa realmente desenvolver o esporte, não o fazem! E não estou falando do Presidente Temer, não estou falando do Presidente Lula, não estou aqui personalizando o nosso discurso.

Vocês são lideranças. Os clubes não podem fazer isso, mas a pessoa física pode. Nós temos, sim, que criar o Partido do Esporte. Quando se falou sobre isso lá atrás, eu pensei: “*Que bom!*” Isso porque todo mundo tem um discurso maravilhoso — o que é verdade —, mas nós que vivemos dentro do esporte sabemos o poder transformador que ele tem. Ontem mesmo eu falei com o pessoal do Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes — CEFAN. Eles estavam me contando da experiência que eles têm com meninos daquela região carente do Rio de Janeiro. Está provado e comprovado: em termos econômicos, o esporte talvez seja o terceiro segmento no mundo.

Amigos, estou aqui e vou continuar fiscalizando o CBC. Fiscalizo quem quer que seja. Lamento muito que se tenha cortado extremamente o nosso orçamento, mas não brigamos por isso.

Na sua terra, havia não sei quantos polos do Programa Segundo Tempo. Agora acabou praticamente tudo. Em Volta Redonda, eu atendia quase 10 mil crianças. Hoje, se renovarem o programa, vai ser muito se conseguirem atender mil crianças. E estamos aqui discutindo isso, está uma maravilha, mas continua assim.

O Presidente da Federação de Volley-Ball do Rio de Janeiro, Carlos Souto, tem 30 anos de casa, é autoritário, e já devia ter colocado o pijama. Essas pessoas têm 30 anos, 40 anos de federação, e não fazemos nada! Esse modelo está um horror! No final, os clubes é que pagam a conta.

Vamos olhar agora para o futebol, o Flamengo, por exemplo — eu sei que o Eduardo sempre tem uma posição muito firme. Quando se faz o campeonato carioca, sabe quem é o único que ganha dinheiro com aquilo, Alexandre? É a federação. Da mesma forma, acontece com vocês.

Falou-se do modelo. Eu sempre cobre um modelo, e acho que os clubes têm uma participação fundamental nisso. Pode-se colocar a escola, mas os clubes são fundamentais. Eu acho que a nossa tendência, como foi dito, o nosso modelo maior, seriam os clubes, não só para treinar o atleta de ponta, mas também para enfrentar



essa crise social que vivemos. Se os senhores tivessem a oportunidade de participar da reunião de que participamos em relação à questão criminal no Brasil, veriam que é algo assustador. Eu quase perguntei ao Ministro: “Qual é a saída? Ir embora e morar em Portugal?”

Portanto, eu queria dar os parabéns. Espero que saiamos da retórica e que atuemos politicamente, sim. Na hora em que o Presidente da República ou quem quer que seja decidir pelo escrutínio, pela votação, que tenhamos lado, seja ele qual for, mas que seja o lado, acima de tudo, do esporte.

Obrigado. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Muito obrigado, Deputado. Parabéns pelas palavras.

Concedo a palavra ao Sr. Márcio Trindade, do Fluminense.

O SR. MÁRCIO TRINDADE - Sr. Presidente, boa tarde.

O SR. DEPUTADO DELEY - Faz campanha para mim. *(Risos.)*

O SR. MÁRCIO TRINDADE - Deley, meu irmãozinho...

O SR. DEPUTADO DELEY - Eu só vou ouvir o Márcio. Peço desculpas, mas vou ficar só mais 10 minutos, porque, infelizmente, tenho uma audiência no Ministério. Mas não vou perder a palavra do Fluminense, com certeza.

O SR. MÁRCIO TRINDADE - Deley, você foi atleta olímpico. Foi atleta do Fluminense, formado lá.

Estou vendo o Deley falar dessa forma e posso dizer que ele era assim em campo. Ele é um guerreiro, é o nosso representante e nos orgulha bastante. Nós o ajudamos muito a chegar aonde chegou. É uma pessoa simples, humilde, batalhadora, com um coração fantástico e um coração tricolor — isso é muito importante.

Entendemos que, quando o Deley se coloca à disposição para levantar a bandeira e partir para a luta, é porque ele viu que aqui a coisa é séria. O Fluminense tem 116 anos. A primeira medalha olímpica do Brasil foi conquistada no tiro por um atleta do Fluminense. A história olímpica esportiva do Brasil se confunde com a história esportiva do Fluminense. Nós estamos construindo e formando atletas desde a nossa existência, e não paramos. E a dificuldade é muito grande.



Quando procuramos o CBC, percebemos que os recursos iriam chegar à ponta, o que nos ajudou, e ainda está nos ajudando bastante, na reforma de equipamentos que já estavam obsoletos por falta de recursos. É muito difícil para um clube que também tem a potência do futebol — e é um esporte olímpico, mas isso não está em discussão aqui — manter 11 modalidades de alto rendimento.

Nós temos inúmeros atletas, e não há necessidade de falar os nomes aqui, mas simbolicamente eu coloco o Deley como grande representante deles, porque foi nosso atleta da Seleção Brasileira, campeoníssimo, uma pessoa do bem. Deley foi candidato à Presidência do Fluminense. Eu sei que isso não tem nada a ver com o que estamos tratando aqui, mas vou contar para vocês. Ele perdeu o pleito e, numa situação inédita, todos os eleitores do Fluminense, a torcida e até mesmo os que votaram contra ele, cantaram o hino, levantaram e abraçaram o Deley. E não comemoraram tanto com o vencedor, mostrando o quanto essa pessoa é digna de estar aqui como Deputado. Ele é uma pessoa que vai nos representar, eu não tenho dúvida disso. Eu sou suspeito para falar, porque ele é meu amigo, meu irmão.

Deley, parabéns por todo o seu trabalho aqui na Câmara de Deputados!

Dando continuidade à minha fala — eu tenho mais 1 minuto e pouco —, lembro que o Fluminense é o único clube de futebol no mundo que tem a taça olímpica. E é o único clube da América Latina com esportes olímpicos que tem taça olímpica. Nós estamos bem tranquilos para estar aqui e falar que é sério o trabalho do CBC. Eu não tenho dúvida disso. A questão de percentual é outra discussão, que o TCU tem que resolver. Há órgãos fiscalizadores para isso. E graças a Deus está acontecendo isso!

A história do Fluminense tem 116 anos, e nós já estamos recebendo recursos públicos há 3 anos, o que nunca tivemos. E sempre formamos atletas, não paramos de formá-los. Hoje, temos pouco mais de 700 atletas. Vou falar que são um pouco mais do que 700, para ficarmos com mais atletas do que o Flamengo, que disse que tem 600 e poucos. Mas isso é verdade, Marcelo.

Graças a Deus, nós estamos conseguindo manter essa situação com a contribuição dos recursos de ponta do CBC — equipamento e pagamento de recursos humanos, sim, dos técnicos e dos auxiliares, para que eles possam dar qualidade aos atletas. Isso é muito importante, principalmente na base. A criança chega com 12 anos para começar a modalidade e vai até os 19 anos. Isso é muito importante.



Nós precisamos, sim, Deputados Alexandre e Deley, que esse recurso aumente. Um por cento ainda vai ser pouco, mas é do que precisamos no momento. Depois, vamos buscar mais. Mas 1% é o mínimo que podemos ter hoje, para que possamos caminhar e continuar a ajudar o Brasil a salvar os seus jovens, porque é o esporte que salva. Eu não tenho dúvida disso.

Eu quero agradecer a oportunidade de estar aqui. Parabenizo todos os clubes, os centenários e os não centenários, grandes formadores do esporte brasileiro. Só tenho que agradecer e manter o meu voto de confiança no trabalho que está sendo desenvolvido pelo pessoal do CBC. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Obrigado, Sr. Márcio.

Passo a palavra ao Sr. Alfredo Rodrigues Vasconcelos Filho, do SINDICLUBE da Bahia.

O SR. ALFREDO RODRIGUES VASCONCELOS FILHO - Boa tarde a todos. Quero abraçar o Deputado Alexandre Valle e estender o meu abraço a todos os componentes da Mesa. Meu nome é Alfredo Vasconcelos e sou Presidente do Sindicato dos Clubes da Bahia.

Quero iniciar a minha fala pedindo desculpas em nome do Presidente do Clube Bahiano de Tênis e do Presidente do Yacht Clube da Bahia, que, por conta da greve e de dificuldades na aviação, não puderam chegar a tempo aqui. Inclusive, o Marcelo está em Belo Horizonte, porque a TAM cancelou todos os voos, causando um enorme transtorno. Mesmo assim, faço questão de, em nome deles, registrar a importância do CBC para a Bahia. E não digo que é só para esses dois clubes, mas para a Bahia em sua totalidade.

O trabalho realizado pelo Yacht Clube da Bahia e pelo Clube Bahiano de Tênis, em parceria com o CBC, resultou em frutos dos quais os senhores não têm ideia. Nós da Bahia estávamos abandonados, sem estrutura nenhuma, com 83 clubes falidos nos últimos 23 anos.

Nos últimos 4 anos, vê-se um trabalho de ressurgimento dos clubes da Bahia, comandado pelo Yacht Clube da Bahia e pelo Clube Bahiano de Tênis, em parceria com o CBC. Em 2017, a Baía de Todos-os-Santos e os ginásios de esporte da Bahia viram eventos que há mais de 15 anos não se viam, todos com o patrocínio e o apoio do CBC.



Eu seria injusto se ficasse calado, sem dar este depoimento a respeito da importância do CBC para os clubes da Bahia. Hoje, como Presidente de sindicato, eu já sinto uma renovação na mentalidade, no trabalho dos clubes. A coerência, a lisura em dirigir clubes sociais é algo que há muito tempo tinha se perdido. É grande a quantidade de clubes que estão procurando o Sindicato de Clubes da Bahia e já buscando o apoio do CBC e da FENACLUBES.

Quero dizer para os senhores que a quantidade de garotos que hoje estão nas escolinhas de base do Yacht Clube da Bahia e do Clube Bahiano de Tênis é impressionante. Isso nos motiva e nos alegra.

Estão aqui presentes vários sindicatos de clubes, presidentes de clubes e federações. Estamos lutando corpo a corpo em nossos Estados, principalmente naqueles mais afastados, como Bahia, Pará, Pernambuco, Sergipe — estes dois últimos estão ausentes, entre outros que não estão aqui. Aprendemos com os colegas do centro, mais evoluídos, com os clubes que hoje em dia são potência nacional. E temos feito de tudo para que os clubes cresçam novamente e venham para cá, para o CBC, para a FENACLUBES, realizar um grande trabalho.

Desejo dar um depoimento sobre a importância que tem o Comitê Brasileiro de Clubes, que revolucionou todo o conceito administrativo e de gestão dos clubes no Brasil. E é importante ressaltar que me dói ouvir aqui que um blogueiro teve a felicidade de fazer com que uma denúncia injusta e infame fosse trazida para dentro desta Casa. Tenho certeza de que dias melhores virão.

Quero ainda dizer o quão importante será o aumento desse recurso. Tenho certeza de que, pelo menos lá na Bahia, ele está chegando lá na ponta. Sou testemunha disso, e sou de sindicato, não tenho nada a ver com essa história, estou defendendo os clubes da Bahia.

Muito obrigado.

Desculpem a minha exaltação. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Obrigado, Sr. Alfredo.

Concedo a palavra ao Sr. Pedro Pesce, do Clube dos Jangadeiros.

O SR. PEDRO PESCE - Cumprimento o Deputado Alexandre Valle, Presidente da Comissão, o Jair, o Edson e os demais companheiros representantes de clubes.



Todos que falaram já demonstraram realmente a necessidade de recursos, cada um com a sua história, e eu vou falar um pouquinho da história do Jangadeiros. Nós temos atletas que já participaram de Pan-Americanos e foram medalhistas. Temos uma medalhista olímpica que vai novamente para uma Olimpíada — ela já está há 5 anos na vela. É importante promovermos isso.

Para mostrar a necessidade do CBC, lembro que, em 1990, quando eu participava da comedoria, estabelecemos que 5% da receita ordinária seria destinada para as despesas com atletas que iam para campeonatos. Essa receita existe até hoje no Clube dos Jangadeiros, que está completando 30 anos. Falo isso para demonstrar a necessidade de recursos para manter a estrutura.

Nós temos uma escola de vela que forma velejadores que continuam velejando. E eu tenho certeza de que, depois do CBC, a nossa estrutura melhorou, porque conseguimos comprar equipamentos. Não bastava só pagar passagem para os nossos velejadores irem aos campeonatos. Nós precisávamos também de equipamentos para nos desenvolver e estar no nível de excelência que se exige, principalmente na vela, porque, como o Ribas falou, os barcos não são baratos. Eu falo da vela porque esse é o nosso segmento.

É importante, principalmente quando se fala em edital, ter recursos para pagar os professores. Isso ajuda muito. Hoje nós temos professores que atendem à necessidade da demanda de crianças que querem aprender a velejar. Isso é muito importante porque agrega valor.

Eu vou abrir um parêntese. A atleta olímpica que mencionei aprendeu a velejar no Clube dos Jangadeiros aos 8 anos de idade. Sabem quem eram os seus treinadores? Nós, que íamos para dentro d'água. Hoje, nós temos treinadores bons e especializados, não só no nosso, mas em todos os clubes de vela. Isso fez com que tivéssemos um melhoramento significativo e conseguíssemos mandar mais jovens aos campeonatos.

Nós realizamos o primeiro Campeonato Brasileiro Interclubes. Jair, você se lembra bem, não é? Sabe quantos atletas participaram? Foram 250 atletas a Porto Alegre para participar do campeonato. Sabe quem possibilitou a ida desses 250 atletas a Porto Alegre? O CBC e o Jair. É isto o que está acontecendo nos clubes: o CBC está promovendo o desenvolvimento e agregando valores. Todos já falaram



sobre isso, mas eu tenho que reforçar, Presidente, porque é o que levamos daqui. Realmente, esse percentual tem que aumentar.

O Jair ou o Edson devem se lembrar de uma reunião em que fomos no ano passado, quando alguém disse que a meta era estarmos entre os dez melhores países em número de medalhas. Só existe uma maneira de melhorarmos isso, pessoal: com recursos para a formação de atletas. Como o Sergio mencionou, só assim vamos desenvolver atletas no Brasil. Infelizmente, não existe outro meio.

O Ribas citou o exemplo dos Estados Unidos, mas nós desenvolvemos os atletas nos clubes. Isso está provado. Como todos ressaltaram aqui hoje, isso é feito nos clubes. O representante do Fluminense mostrou o quanto é importante o dinheiro do CBC hoje.

Eu só queria reforçar isso e dizer que o trabalho do CBC está sendo, nesse sentido, muito importante, agregando valores e somando. Além disso, nós sabemos que os recursos estão indo para o lugar certo, inclusive com a aprovação das contas do CBC.

Muito obrigado. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Obrigado, Sr. Pedro.

Concedo a palavra ao Sr. Ricardo Lyra, Diretor regional do Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo — SINDICLUBE.

O SR. RICARDO FERREIRA DE SOUZA LYRA - Boa tarde, Deputado Alexandre Valle — já nos demos bom dia hoje pela manhã. Por intermédio de V.Exa. cumprimento todos os presentes.

Primeiro, eu quero pedir desculpas pela ausência do Presidente do SINDICLUBE. Eu queria explicar que ele é da diretoria do Clube Paulistano, cujo Presidente, Ricardo Gusmão, está bem debilitado de saúde. Com isso, toda a diretoria do Paulistano não quis se ausentar de São Paulo. Inclusive o Belleza, que também estaria nesta reunião, acabou não vindo. Falo isso para explicar a ausência de Paulo Movizzo.

Para os senhores terem uma ideia da capilaridade dos clubes no Brasil, esclareço que São Paulo tem hoje 2.200 clubes cadastrados, entre sociais, culturais e esportivos. O SINDICLUBE tem 1.400 clubes filiados. Então, temos a noção do que é capilaridade no clube.



Não falamos muito bem aqui de uma diferença que até a Lei Pelé explica: as escolas fazem esporte de participação, esporte de lazer; o esporte de rendimento é feito no clube, desde a base, dos 12 aos 17 anos, como o Márcio e o Marcelo apontaram. Isso é muito importante, e é a verba do CBC que possibilita isso hoje. Como já foi bem dito aqui, sem verba pública, ou você tem um amigo que ajuda a financiar o esporte ou você põe do seu bolso. Então, a verba pública permite isso.

Queria dar um exemplo do meu clube, Deputado. O SINDICLUBE tem uma universidade que expande conhecimentos. O meu clube e o Clube de Campo de Piracicaba são usados como exemplos de clubes de médio e pequeno porte que conseguiram verbas públicas através do CBC e tiveram projetos financiados.

No início — o Sergio sabe disso —, isso só ocorria nos grandes clubes, porque eles tinham estrutura já pronta e os menores, não. Hoje nós somos usados em São Paulo como exemplos de que qualquer clube do Brasil, de porte médio ou pequeno, consegue fazer um projeto e receber essa distribuição de verba do CBC.

Podemos citar o que está acontecendo no meu clube, que faz 120 anos amanhã. Hoje está ocorrendo um campeonato brasileiro de natação infantil: há 636 atletas visitantes, com 102 clubes participantes. Esse campeonato não ocorria há mais de 2 anos, e os senhores podem ter certeza de que só está ocorrendo porque o CBC entrou em sua formatação. Sem o CBC, esse campeonato infantil, mirim e de juniores não seria possível. Está se fomentando toda uma base, não local, mas de todo o País. Isso é diferente. Queria mostrar basicamente a amplitude dos projetos. Eles não são regionais, abarcam o Brasil inteiro.

Hoje, por exemplo, 40% dos atletas do meu clube estão em condição de vulnerabilidade. Quando você traz esse atleta para dentro do clube, ele convive com o associado e começa a ter um nível de educação diferente, com responsabilidade. Pelo esporte, está se abrindo uma janela de oportunidade muito difícil para um jovem, porque a faixa etária da adolescência é terrível. Então, o esporte traz responsabilidade e comprometimento para o atleta, porque ele só vai conseguir resultado com essas duas qualidades. Isso é muito importante.

Sem verba pública hoje, eu duvido que algum clube consiga fazer isso, principalmente nessa área dos mais vulneráveis. Eu acho primordial esse aumento da verba — não sei se de 1%. Por mim, poderia ser de 2%, 3%. Quanto mais, melhor.



(Riso.) É preciso mostrar a importância dessa verba e o que ela faz no espectro social do País, trazendo a inclusão social para muitos desses jovens vulneráveis e dando oportunidade de vida para eles.

Nós já temos casos de gerentes de esporte de clubes de São Paulo que saíram de projetos sociais nossos de Santos, porque nós tínhamos convênio com a Prefeitura. Hoje eles são professores de educação física, são técnicos em esportes que eles praticavam, tiveram oportunidade de fazer uma faculdade, o que prova que o esporte abre janelas.

Então, era isso. É esse o meu depoimento. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Obrigado, Sr. Ricardo.

Passo a palavra ao Sr. Carlos Rocha, Presidente do Mackenzie Esporte Clube.

O SR. CARLOS ROBERTO GONÇALVES DA ROCHA - Boa tarde, meu amigo Sergio Bruno, Deputado Alexandre Valle, Presidente da Comissão, meu amigo Jair Pereira, Edson Garcia. Vou tentar ser o menos repetitivo possível, já que tantas pessoas falaram, e só estão presentes aqui pessoas que conhecem muito do assunto.

Deputado Alexandre Valle, antes de tratar propriamente da importância do CBC, eu queria passar para a Comissão alguns tópicos que eu acho importantes, como o aumento do percentual da dedução da lei federal de 1% para 3%, conforme projeto em tramitação nesta Casa. Nós sabemos também que houve uma estagnação do valor captado anualmente. Em 2017, só para conhecimento dos presentes, o valor caiu cerca de 220 milhões de reais, e o total que a lei permite são 400 milhões de reais.

Quer dizer, hoje os clubes não conseguem captar...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Só um parêntese: não são 400 milhões de reais. Ontem eu estive com o Ministro e falamos sobre isso. Em 2008, o Ministério do Planejamento fez uma previsão de 400 milhões de reais. Hoje ela não existe no Orçamento. A previsão é algo em torno de 250 milhões de reais. Essa foi uma dúvida que nos surgiu também. Por isso eu estou lhe falando.

Eu vou deixar para divulgar depois, mas nós estamos criando, já com a assinatura de todos os Líderes, a Semana do Esporte, para votarmos as matérias relativas ao esporte, ou seja, tirarmos essas matérias de todas as Comissões e



mandá-las direto ao plenário. Entre elas, está o aumento de 1% para 3% na Lei de Incentivo.

O SR. CARLOS ROBERTO GONÇALVES DA ROCHA - O.k. Parabéns, Deputado.

Eu queria também tratar da autorização para empresas que tributam no lucro presumido e incentivam os projetos. Isso também seria interessante para nós, como compensação. Mais ao final, vou entrar no porquê de solicitarmos o aumento de 1% para o CBC.

É também muito importante para os clubes formadores, para lutarmos em nível internacional, a isenção de impostos na importação de equipamentos. Nós sabemos que muitos equipamentos nacionais não competem com os equipamentos do exterior. Então, para chegarem às Olimpíadas ou a um campeonato mundial de qualquer categoria, muitos atletas treinam lá fora ou importam o equipamento do próprio bolso, porque não têm a facilidade que a lei hoje permite.

Muito já foi dito, mas eu vou repetir: participação de atletas na eleição de federações e confederações. Isso está garantido pela Portaria nº 115, de 2018, que regulamenta a Lei Pelé.

Seria importante também, e não é função do Ministério e dos Deputados, criar eventos de aproximação das empresas e das entidades esportivas, a fim de aumentar o percentual de captação. Há dificuldade em captar hoje. De um planejamento de 1 milhão de reais, são captados 300, 400 mil reais, tendo que se adequar ao Ministério.

Autorização para que a pessoa física faça um incentivo à temática de cada ano e deduza do imposto do ano anterior. Não sei se isso também é possível, mas fica como sugestão para a Comissão.

Eu vou falar agora da importância do aumento de 0,5% para 1% do CBC. O Mackenzie é um antigo clube de Belo Horizonte. Sou Presidente e estou no meu quinto mandato. Nós somos os maiores formadores de atletas no voleibol feminino do Brasil. Desculpe-me, Sergio Bruno! Nas últimas Olimpíadas, tivemos duas jogadoras nossas. Na atual Seleção, temos três jogadoras do Mackenzie.

Então, trata-se de um clube que também tem tradição na natação e no basquetebol.



Deputado, hoje mesmo nós fomos pegos de surpresa pelo CBC, que disse que alguns campeonatos estão acabando. Eles estavam projetados e não vão ser executados com recursos públicos do CBC. Isso nos causa um transtorno. Para o senhor ter uma ideia, talvez o Mackenzie tenha sediado o melhor campeonato de voleibol feminino no ano passado. O segundo será em novembro deste ano.

Sem o aporte financeiro do CBC, temos certeza de que esses 300 atletas... E não são só os atletas que não vão à Capital Belo Horizonte; não vão os pais deles nem a comissão técnica. Entre 300 e 500 pessoas movimentam todo um comércio durante uma semana em todas as capitais e cidades que sediam os campeonatos brasileiros. É muito importante haver esse aumento de 0,5% para 1 %, para que haja movimento. Isso não forma só o atleta, mas o cidadão, que é o mais importante. Antes de formar o atleta, o Mackenzie quer formar o cidadão. E sabemos que temos atletas que estão no nosso DNA. É muito importante que os senhores tenham sensibilidade para movimentar a economia do Brasil com base no esporte.

Quero só registrar — o senhor não deve estar ciente disso — que 83% das medalhas olímpicas também são formadas no clube. Se está projetado um ciclo olímpico, com campeonatos sub-15, sub-16, sub-17, sub-18 e mais alguma coisa, quando se corta isso aqui, não está mais se formando um cidadão ou um atleta olímpico. Volta-se, dessa forma, ao passado.

Conto com a contribuição de todos. Vi que o senhor é uma pessoa muito sensível ao esporte, bem como todos os Deputados presentes. Quando tiverem oportunidade, peço que assistam ao vídeo. Trabalhem em prol do esporte brasileiro, pois sabemos que precisamos muito do Comitê, do Ministério, das leis de incentivo estadual, principalmente do CBC, que é um órgão sério e no qual confiamos.

Algumas coisas vão ser ajustadas — e nós sabemos disso — por pessoas sérias e competentes.

Agradeço por participar deste momento. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Nós é que agradecemos, Sr. Carlos.

Passo a palavra ao Sr. Salatiel Campos, Presidente do SINDICLUBES do Pará.

O SR. SALATIEL CAMPOS - Boa tarde, Deputado Alexandre Valle, Presidente da Comissão do Esporte. Sergio Bruno, é um prazer revê-lo. Presidente Jair Pereira



e Edson Garcia, por intermédio dos senhores, cumprimentos meus amigos aqui presentes, bem como os Deputados que participam desta plenária.

Em primeiro lugar, eu queria justificar o porquê de, há pouco, ter feito uma intervenção dizendo do prazer de ter o Pará na rota do CBC hoje. Na essência, também quero pleitear junto àqueles que corroboram com o objetivo de ver o esporte brasileiro colocado numa condição mais qualificada que nós consigamos aumentar o percentual para 1%, que é pequeno e uma contribuição de todos para esse objetivo.

Percebemos na fala do Edson Garcia, que hoje representa o Arialdo Boscolo na Mesa, que, em função do próprio momento econômico do País, está caindo a arrecadação dentro do CBC, fruto que vem da Lei Pelé, com os recursos das loterias.

Se esses recursos estão caindo, nós, lá no Norte, desde 2012, quando eu retornei ao comando do Sindicato dos Clubes Sociais do Pará, graças à participação contínua nos congressos brasileiros de clubes, aprendemos com as experiências do pessoal do Sul e do Sudeste, pessoas que estão mais iluminadas por conta do tempo e que já vêm praticando essa vida mais qualificada no esporte. Nós aprendemos e levamos isso para o nosso povo do Pará.

No Pará, nós temos vários clubes centenários, temos clubes de ponta no futebol, só que hoje esses clubes despertaram para a participação na formação de atletas olímpicos e paraolímpicos.

Eu fico muito preocupado com a redução que está havendo na receita do Comitê Brasileiro de Clubes, fruto das questões econômicas que vêm das loterias. Agora que estamos despertando para a possibilidade de evoluir para captar os recursos, teremos uma limitação.

Hoje nós estamos muito alegres, felizes, participando graças à iniciativa do Comitê Brasileiro de Clubes de criar os campeonatos do ciclo olímpico. Esses campeonatos nos estimularam a fazer com que hoje a Assembleia Paraense, o Clube do Remo e o Paysandu participem dessas copas com subsídio de passagem aérea e hospedagem. Com isso, nossos atletas começam a ganhar cancha nacional.

Claro que isso pode parecer para muitos uma utopia, mas hoje nós vemos o Sergio Bruno falar da história do Minas, e eu só vou poder contar essa história daqui a quantos anos, se eu continuar com esses recursos que estão hoje cada vez minguados, que não vão chegar para nós. Se o recurso está sendo reduzido dentro



do contexto daquilo que estava planejado, certamente vamos ter mais dificuldades daqui para frente.

Quero também reforçar a necessidade de apoio para a Confederação Nacional dos Clubes. A FENACLUBES tem sido uma entidade permanente ao lado dos clubes dentro do movimento político de interesse dos nossos clubes. Nós estamos na ponta e precisamos de alguém. Esse alguém é a FENACLUBES.

Quando a confederação realiza os congressos brasileiros de clubes, ela tem como objetivo nos qualificar, nos preparar cada vez melhor para desempenharmos o nosso papel no dia a dia, na gestão mais qualificada, para trabalhar a questão da prestação de contas. Tudo isso se encontra dentro dos congressos brasileiros de clubes.

Eu não vou questionar aqui o que o blogueiro tem o direito de fazer. Ele escreve de acordo com a opinião dele. Mas nós, que vivemos e praticamos a essência da qualidade do Comitê Brasileiro de Clubes e da FENACLUBES, temos que defender e pedir a todos os Deputados que mantenham o apoio a essas entidades, porque elas são realmente o cerne que nos protege, que nos dá apoio, para conseguirmos evoluir dentro daquele que é o nosso objetivo: formar cidadão e fazer qualificação nos nossos clubes lá no Pará e em todo o Brasil.

Muito obrigado.

Parabéns ao CBC. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Nós é que agradecemos.

Passo a palavra ao Sr. David Caldas, representante do Paysandu.

O SR. DAVID CALDAS - Boa tarde a todos. Em nome do Presidente Alexandre Valle, eu cumprimento a Mesa e todos os participantes de outros clubes.

Nós somos de longe. O Paysandu também é um clube centenário, como já dito aqui, mas tem uma tradição relativa. Todos nos conhecem no futebol. O clube tem sete títulos nacionais — ganhamos um recentemente. Mas a história aqui não é futebol, é esporte olímpico.

O esporte olímpico no Brasil precisa de muito para chegar ao ápice internacional, e especialmente de recursos. Sem recursos não vamos alcançar nada. Então, defendemos com veemência que haja esse acréscimo, conforme o pleito. Parece-me que todos aqui estão com o mesmo interesse.



Porém, a nossa distância, o problema geográfico, entre outros, nos atrapalha. Precisamos de mais ajuda. Ultimamente, nossa diretoria tem nos ajudado muito. A gestão do Presidente mudou muito, já houve um avanço, mas precisamos de mais.

O Paysandu está lutando, como o Clube do Remo também, nosso “concorrente” — entre aspas —, mas queremos que haja um crescimento e desenvolvimento de atletas, principalmente no remo, na vela, enfim, em todos os esportes. Nas áreas que exploramos mais, queremos crescimento e desenvolvimento. Há atletas em todos os lugares, não só no Sul, no Nordeste, no Centro-Oeste. Acho que, no Brasil todo, tendo incentivo, tendo apoio, aparecerão novos atletas. Basta haver um trabalho de base que eles vão surgir.

Temos um problema muito sério, que é a questão da certidão negativa. Um grande clube, como os do Sudeste, acho que o Flamengo, superou no passado recente esse problema.

Muitos clubes no Brasil estão inadimplentes com PIS, COFINS e tributos federais. Teremos agora, com muita propriedade — coloco o TCU e a CGU —, a auditoria dos recursos. É muito próprio isso.

Realmente houve uma lambança. Está aí, o mundo está vendo o que aconteceu com os recursos. Se não houver esse controle, como será gerido e aplicado esse recurso?

De fato, as certidões são necessárias. Um clube que tem um passado e que já tem uma dívida imensa com esses tributos, como faz para lançar um projeto e adquirir o recurso para a geração de novos atletas? Como fica dentro dessa lacuna? Tem que haver uma solução para isso. O Flamengo, eu sei que arrumou. Não sei como foi, mas ele conseguiu dinheiro para pagar...

(Não identificado) - Recorreu ao REFIS e ao PROFUT.

O SR. DAVID CALDAS - Mas conseguiu resolver. É um clube gigante, é um clube que tem nome, priorizou a gestão, está maravilhoso.

Eu não sou flamenguista, viu? Detalhe: eu sou antiflamenguista, com todo o respeito. *(Riso.)* Ninguém é perfeito. Mas eu respeito o que foi feito lá. Resolveram um problema seríssimo no Flamengo. Eu não sei direito o que foi feito lá, mas esse problema foi resolvido.



No Paysandu, nós estamos mudando a gestão para o formato de empresa. Mudamos até o nosso estatuto. Nós estamos mudando tudo lá, de fato. Estamos saneando o Paysandu.

Nós vamos chegar lá, mas alguns clubes não vão chegar. Essa é uma situação que tem de ser pensada. Tem de haver uma solução para isso, senão esse recurso não vai chegar nunca ao Norte. É isso que estou querendo ressaltar. O Brasil é um todo.

Obrigado a todos. (*Palmas.*)

O SR. PAULO GERMANO MACIEL - Sr. Presidente, gostaria de fazer um aparte rapidamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Pois não.

O SR. PAULO GERMANO MACIEL - Eu só queria dizer ao nobre amigo que isso realmente é para todos. O PROFUT foi muito importante. O trabalho do CBC e da FENACLUBES nesse histórico foi muito bonito. Essa iniciativa reuniu os clubes do Brasil todo para se fazer isso. Então, todos os clubes têm acesso. E eu sei do trabalho que vocês estão fazendo para tentar reerguer o clube, que vai se reerguer.

Uma coisa eu queria falar aqui. Vou ser bem claro, Alexandre. Eu conheço o seu trabalho no Rio de Janeiro e sei que pode fazer isso muito bem. Esse recurso, com a mudança de 0,5% para 1%, é pouco, mas é importante neste momento.

Sergio Bruno dizia naquele momento que, a cada vez que se cresce, aumenta-se a taxa de administração. Eu estava conversando com ele antes do começo da reunião. Eu não tinha ideia de como era difícil trabalhar com dinheiro público. Eu não tinha ideia. Nós contratamos os melhores profissionais do Brasil para trabalhar com isso — não eram do Rio nem de São Paulo, não, eram do Brasil. E é trabalho! Em todas as fiscalizações, feitas pela CGU, pela AGU, em todas fomos elogiados. Por quê? Nós sabemos que, no CBC, o trabalho dirigido pelo Jair e por todos nós da diretoria é de transparência e honestidade. Foi só isso.

Eu queria dizer ao meu caro amigo Sergio Bruno que o aumento de 0,5% para 1% é de suma importância para isso. A taxa de administração é de 25%, mas não chegamos nem a 20%. Sergio Bruno mostrou aquilo no balanço. É que havia dinheiro represado. Não queremos gastar os 25%, nós queremos gastar 10%, só que a



burocracia é violenta. Os profissionais que temos de ter em Brasília e em Campinas têm que ser de ponta, porque, se errarem, haverá muito perigo.

A CGU está aí. Até hoje estamos distribuindo dinheiro. Sergio Bruno foi um dos lutadores, junto comigo aqui, com o Tijuca, na época, e ele sabe como foi difícil arrumar essa taxa. Num desvio ou num deslize qualquer do CBC, nós podemos perder uma taxa como essa. Isso realmente é muito perigoso para os clubes.

Então, eu prefiro uma taxa maior de administração, como a que tenho no meu clube. Quando comecei a receber dinheiro público, eu montei um escritório só para isso, e é caríssimo! É muito caro. Assim, a cada quantia que tivermos a mais, a cada taxa melhor que possamos conseguir, melhor será para os nossos clubes, Sergio, com todo o respeito ao Carlos Henrique. Podem ficar certos disso.

O mais importante é que o CBC é supertransparente. Todos os presidentes de clubes poderão, na hora que quiserem, ver como isso está sendo gasto.

O blogueiro falou da taxa, disse que nós gastamos 1 milhão, mas esse é dinheiro nosso. Nós clubes pagamos todo mês uma taxa para ter direito a essas festividades. Para que serve esse congresso? Para troca de conhecimentos, troca de informações. Hoje, com a Internet, encurtou-se muito a distância, tudo ficou muito perto. De um minuto para outro, eles podem, no Pará, por exemplo, ter acesso a isso.

Era só esse o esclarecimento que eu queria dar.

Muito obrigado, Presidente. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Obrigado, Paulo.

Passo a palavra ao Sr. Otto Dummer, do Clube Duque de Caxias.

O SR. OTTO DUMMER - Eu cumprimento a Mesa, em especial o Deputado Alexandre Valle, e todos os demais presentes.

Eu gostaria apenas de fazer um pequeno depoimento. Nós iniciamos, praticamente 2 anos e meio atrás, a participação nesses diversos projetos do CBC.

Por incrível que pareça, às vezes se pensa que o Clube Duque de Caxias é um clube militar, porque ele tem esse nome. Ele foi fundado 127 anos atrás por um grupo de empresários alemães que resolveram morar em Curitiba. Por questões de guerra, entre outras questões, o nome foi alterado, para evitar que houvesse depredação do clube na época.



Há 127 anos o clube foi fundado já com a ideia de ser um clube esportivo. Na época, prevalecia a ginástica olímpica, que hoje se chama ginástica artística. Cerca de 100 anos atrás, começou-se a praticar no clube, por crianças, jovens, adultos e até pelo pessoal de maior idade, um esporte praticamente desconhecido no Brasil, o punhobol. O time feminino do Clube Duque de Caxias teve a capacidade de ganhar, na Alemanha, aproximadamente há 15 dias, o heptacampeonato mundial, algo quase inédito em termos de esporte.

Está certo que ele não é contemplado pelo CBC hoje, mas mostra que o clube é altamente dedicado ao esporte desde a existência dele. Com o CBC, sem dúvida nenhuma, tivemos um impulso maior.

Nós temos hoje dois ginásios montados. Tivemos que reformar esses ginásios, colocar neles pisos apropriados para a prática de esportes, como o basquete, o futebol. O piso era de taco.

Nós temos hoje uma equipe de atletas paraolímpicos, de atletas que jogam basquete em cadeira de rodas. O material foi comprado com recursos do CBC, para que eles pudessem praticar a atividade deles. Um atleta nosso do tênis de mesa participou inclusive das últimas Paraolimpíadas. Ele está hoje entre os dez melhores do mundo. Isso nos causa um baita de um orgulho, como diz o outro, porque não é preciso sempre ser o primeiro nessa história.

Esse é um pequeno resumo do que tem acontecido lá.

Infelizmente, surgiram agora esses cortes. Não quero dizer isso agressivamente. Nós fomos vítimas desses cortes, mas fomos também o único clube que organizou nacionalmente, no ano passado, um torneio de basquete Sub-12. Nós recebemos atletas de Recife a Santa Catarina. Acho que não havia ninguém do Rio Grande do Sul. Houve algo muito emocionante. Fomos convidados a entregar as medalhas e os troféus. Nessa hora, eu me sensibilizei muito, porque, quando eu fui fazer a entrega — o campeão foi o time de basquete do Sport Club do Recife —, apertei a mão daqueles meninos, de menos de 12 anos, e senti que eles têm mãos de pedreiro.

Eu acho que o CBC está mudando isso neste País. Hoje, conversando com o pessoal do Flamengo, do Fluminense — lógico, o nosso clube é deste tamanho



perto dos grandes aí —, vejo que eles também estão fazendo esse trabalho. O CBC vem, sem dúvida nenhuma, colaborando em relação a isso.

Infelizmente teve que haver corte. Eu entendo que, em algum momento, tem que ser tomada essa decisão. Nós temos que fazer de tudo para que cortes não aconteçam, para que isso cresça e se desenvolva cada vez mais, porque realmente é nos esportes, principalmente nos esportes de base, que temos de investir. Nós temos o basquete para quem tem mais de 50, 55 anos, que é ótimo, é jogado no Brasil inteiro, mas precisamos desenvolver a base, e a base depende, infelizmente, de recursos.

Obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Quero agradecer ao Sergio, ao Jair, ao Edson, quero agradecer, em nome do Paulo Maciel, a todos vocês a presença.

Eu não sei se você sabe, Paulo, mas frequentei muito o Tijuca. Eu estudei lá em cima, no São José, na Usina. Depois estudei na Barão de São Francisco. Acho que o colégio não existe mais. O meu tio era o proprietário da Kiko Motos, lá em cima, na Usina, Antônio Mário. Frequentei muito o Tijuca.

O SR. PAULO GERMANO MACIEL - Gostaria então de fazer um convite ao Presidente, para que vá lá participar do nosso próximo almoço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Irei com o maior prazer.

Gostaria de lhes dizer que não há gasto com esporte neste País. Todo o dinheiro que se coloca no esporte é investimento. Vemos que, nos discursos e em muitos momentos, há controvérsias, há discordâncias, mas o Brasil tem muito a lhes agradecer pelo que vocês fazem por este País, pelo esporte deste País.

Nós que temos que lidar com a política no dia a dia, quando entramos numa comunidade, principalmente no meu Estado, o Rio de Janeiro, nós nos deparamos com a criminalidade, com a marginalidade. Escutamos de uma professora o seguinte: *“Ao perguntarmos a alunos o que eles querem ser, dizem que querem ser ‘radinhos’. Vão trabalhar no tráfico”*. O menino olha para frente, e não vê, dentro da comunidade ou próximo dele, alguém em relação a quem ele possa dizer: *“Eu quero ser igual a este aqui, eu quero ser um medalhista, eu quero ser um campeão”*.

Há cerca de 15 dias, tive a oportunidade de ir ao CEFAN, o Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes. Lá temos a oportunidade de ver — isto deve



acontecer também nos clubes em que os senhores são dirigentes — que o jovem que veio da comunidade começa, depois que entra ali, a mudar a postura dele dentro de casa, na família, a maneira de se comportar. Ele diz que quer ser como aqueles que ele vê lá. No entanto, este País, infelizmente, ainda deixa isso de lado.

Eu participei, nesta Casa, da Comissão do Marco Regulatório dos Jogos no Brasil. Eu sou favorável a essa regulamentação. Não vou dizer que sou favorável à legalização porque o jogo já existe. O Brasil precisa vencer a hipocrisia. A partir do momento em que ele regulamentar o jogo, ele vai poder pegar o dinheiro que hoje vai para corrupção, para lavagem de dinheiro — estamos falando de algo em torno de 20 bilhões de reais — e investir boa parte desse recurso no esporte brasileiro. O esporte, sim, é o poder transformador. É através do esporte que vamos tirar daquela situação essa garotada, essa garotada que não acredita em nada mais.

Eu moro em Itaguaí, no Rio de Janeiro. Sexta-feira, antes de vir para Brasília, fui procurado por uma mãe de três filhos. A filha do meio tem problemas, deficiência mental, não sei. Outra filha, com 13 anos de idade, é a Manoella Aparecida, grande revelação do Brasil na ginástica aeróbica. Essa mãe estava desesperada, porque a filha precisava embarcar para Portugal no domingo para participar lá de uma disputa. Uma empresa deu uma passagem para a menina, mas ela não tinha dinheiro para se alimentar. A mãe também não poderia ir. Mesmo diante de todos esses problemas que estão sendo revelados na ginástica, essa menina, de 13 anos, está indo com o treinador. E aqui não estou fazendo nenhuma acusação. Eu nem conheço a pessoa que vai com ela. Mas imaginem a preocupação da mãe ao ter que deixar uma criança de 13 anos viajar dessa maneira. E ela não tem dinheiro para nada, a ponto de ela querer tirar dinheiro da comida da filha com deficiência para que a outra filha possa ir. Ela não tem apoio.

Em breve, vocês vão ver o nome dessa menina, que já tem diversas medalhas, representando o Brasil. Eu disse isto ontem ao Ministro, e pedi uma reunião com o Presidente da Caixa Econômica: *“Não é possível que vocês não olhem para isso”*.

Não é possível que o basquete brasileiro, por falta de patrocínio, passe pelas dificuldades que vem passando. O que queremos? Não adianta trazer a Copa do Mundo, as Olimpíadas para cá, se não existe investimento na base. Não adianta. O que se gastou não adianta. E aí? Efetivamente, fizemos a Copa, mas não para os



brasileiros, porque o brasileiro não foi assistir aos jogos. As Olimpíadas não foram para os brasileiros. Não tivemos, no resultado final, as medalhas que imaginávamos.

A CBF está indo se capacitar na China, pela informação que nos foi dada na reunião. Foi lá fazer capacitação. Vão construir 30 mil escolas e não sei quantos mil estádios. É isso que precisamos olhar.

É claro que esta Comissão, a todo tempo, está voltada a esses temas. Sabemos das necessidades. Sabemos que é preciso haver mais recursos, mais investimento. Só queremos o que é bom para nós e é bom para vocês.

Nós já estamos acostumados com blogueiro acusando esta Casa todo dia. Isso já é rotina para nós. Mas não há nada melhor do que mais transparência. Os senhores, enquanto dirigentes de comitês, de confederações ou de clubes, devem demonstrar que há transparência. Há quem não acredite, mas o Brasil mudou, o Brasil está mudando. Então, eu acho que, quanto mais transparência houver, mais conseguiremos fazer, mais conseguiremos avançar.

Quero colocar esta Comissão à disposição de todos os senhores. Nós da Comissão do Esporte fazemos um trabalho sério. Estamos aqui unidos porque gostamos dessa área e entendemos, assim como o Deputado Deley, que é através do esporte que vamos mudar o País.

Que Deus abençoe cada um dos senhores!

Muito obrigado.

Contem conosco. *(Palmas.)*

Está encerrada a nossa reunião.